

UNIVERSIDADE FEDERAL DE CAMPINA GRANDE
CENTRO DE FORMAÇÃO DE PROFESSORES
CURSO ESPECIALIZAÇÃO EM ANÁLISE GEOAMBIENTAL DO SEMIÁRIDO



LEIDJANIA DANTAS DE ABREU



**CONSTRUÇÃO DO ESPAÇO URBANO E LEITURAS SEMIÓTICAS DA
VERTICALIZAÇÃO EM CAJAZEIRAS-PB**



Cajazeiras
2009



Leidjânia Dantas de Abreu

**CONSTRUÇÃO DO ESPAÇO URBANO E LEITURAS SEMIÓTICAS DA
VERTICALIZAÇÃO EM CAJAZEIRAS-PB**

Monografia apresentada a
Coordenação do Curso de
Especialização como requisito
para obtenção do título de
Especialista em Análise
Geoambiental do Semiárido da
Universidade Federal de Campina
Grande - Campus de Cajazeiras

Orientador: Dr. Josias de Castro Galvão

Cajazeiras
2009

Dados Internacionais de Catalogação-na-Publicação - (CIP)
Denize Santos Saraiva Lourenço - Bibliotecária CRB/15-1096
Cajazeiras – Paraíba

A162c ABREU, Leidjânia Dantas de
Construção do espaço urbano e leituras semióticas da
verticalização em Cajazeiras – PB./ Leidjânia Dantas de
Abreu. Cajazeiras, 2009.
93f.

Orientador: Josias de Castro Galvão.
Monografia (Especialização) – CFP/UFCG

1. Cidade –Verticalização – Cajazeiras –Paraíba.
2. Espaço Urbano – Cajazeiras- Paraíba.
3. Verticalização – leitura semiótica. I. Título.

UFCG/CFP/BS

CDU – 911.375.3(813.3)

LEIDJÂNIA DANTAS DE ABREU

**CONSTRUÇÃO DO ESPAÇO URBANO E LEITURAS SEMIÓTICAS DA
VERTICALIZAÇÃO EM CAJAZEIRAS-PB**

Monografia apresentada como requisito para obtenção do título de especialistas do curso de Pós-graduação em Análise Geoambiental do Semiárido da Universidade Federal de Campina Grande - Campus de Cajazeiras

Aprovada em 08 de dezembro de 2009

Dr. Josias de Castro Galvão
Orientador - UFCG

Ms. Luciana Araújo Medeiros
Examinadora - UFCG

Ms Rodrigo Pessoa
Examinador - UFCG

Dedico este trabalho a todos que
contribuíram para sua realização
em especial a minha família.

AGRADECIMENTOS

À Universidade Federal de Campina Grande - Campus de Cajazeiras, pela oportunidade de cursar uma graduação e em seguida uma especialização. Alguns professores participaram de forma preciosa no meu desenvolvimento acadêmico, a quem dedico este trabalho:

À professora Dr^a Kátia Cristina Ribeiro que foi a primeira pessoa a me dar um voto de confiança, abrindo meus caminhos para a pesquisa. Minha vida nesta Universidade não seria a mesma sem a sua ajuda.

Ao meu orientador Professor Dr. Josias de Castro Galvão pela contribuição e paciência que me dedicou para o desenvolvimento deste estudo.

À professora Ms^a Luciana Araújo por ter me ajudado com a leitura da minha produção.

A Henaldo, que me deu força para continuar a estudar e superar minhas limitações apesar da minha falta de paciência e a Hena pela revisão ortográfica.

À minha família, minha mãe que me abraçou nos momentos de vitória e tristeza, meu pai, meus irmãos. Principalmente a Junior pela muitas voltas na cidade na fase de campo.

A Francisquinha, funcionária da Secretária de Planejamento, por ter fornecido alguns dados necessários a este estudo.

A todas as pessoas que aceitaram e dispuseram do seu tempo para responder os questionários indispensáveis para o desenvolvimento desta monografia.

Aos meus colegas do Curso Leandro, Joana, Lívia, Elani e Paulo Victor que juntos conseguimos superar todos os obstáculos que surgiram no nosso caminho.

Aos meus amigos Ana, Danília e Jocelia pelo apoio e paciência que me dedicaram.

RESUMO

O presente trabalho tem como objetivo central analisar o processo de verticalização de Cajazeiras-PB, a partir da interpretação das diferentes leituras desta cidade, vista como texto não-verbal, pelos sujeitos produtores do espaço urbano. A intensificação da verticalização desta cidade é decorrente das novas dinâmicas socioespaciais que vem ocorrendo nesses últimos anos. Evidenciamos que houve um longo período de lenta verticalização a partir de 1910, com a construção dos primeiros sobrados das elites oligárquicas. Ao longo do século XX, surgiram novas dinâmicas que impactaram a paisagem urbana de Cajazeiras, acenando para novos padrões, estilos, cores e formas. No início deste século XXI são outras dinâmicas cada vez mais velozes. Verificamos nesse estudo a tendência para construção de moradias verticalizadas em detrimento das horizontalizadas. Nesse sentido, investigamos nesse estudo como a verticalização é percebida pelos sujeitos produtores do espaço urbano. Assim, buscamos optar pelo recorte teórico-metodológico na Geografia que pudesse relacionar o universo estético (Geografia Estética), a individualidade do percebido (Geografia da Percepção) e da leitura dos signos, símbolos, alegorias e imagens que denominamos de Geografia Semiótica.

Palavras-Chaves: Cidade, Urbano, Verticalização, Semiótica.

RÉSUMÉ

Cette étude vise à examiner le processus d'intégration verticale de Cajazeiras-PB, à partir de l'interprétation des différentes lectures de cette ville, considérée comme le texte non-verbales, les producteurs faisant l'objet de l'espace urbain. L'intensification de cette ville verticale est due à la socio nouveau-dynamique spatiale qui s'est produite ces dernières années. Nous avons montré qu'il y avait une longue période de lente verticale à partir de 1910, avec la construction des châteaux d'abord les élites oligarchiques. Tout au long du XXe siècle, de nouvelles dynamiques qui ont influé sur le paysage urbain de Cajazeiras, brandissant aux nouveaux modèles, styles, couleurs et formes. Au début de ce siècle sont d'autres dynamiques de plus en plus vite. Nous avons trouvé dans cette étude, la tendance à construire des logements au détriment d'horizon de façon verticale. En conséquence, nous avons enquêté dans cette étude comme la verticale est perçu par les sujets des producteurs urbains. Ainsi, nous cherchons à choisir le cadre théorique et méthodologique de géographie qui pourraient concerner l'univers esthétique (Géographie Aesthetics), l'individualité de la perception (Géographie de la Perception) et la lecture des signes, des symboles, des allégories et des images que nous appelons Semiotics Géographie.

Mots-clés: Ville, Milieu Urbain, L'integration Verticale, Sémiotique

LISTA DE FOTOGRAFIAS

Foto 2.1 - Solar Joaquim Costa	34
Foto 2.2 - Início da construção da Catedral Nossa Senhora da Piedade	35
Foto 2.3 - Vista panorâmica da construção da Catedral	35
Foto 2.4 - Sobrado construído em 1923	37
Foto 2.5 - Colégio Diocesano Padre Rolim	38
Foto 2.6 - Edifício Cine-Pax	39
Foto 2.7 - Edifício OK	40
Foto 2.8 - Vista panorâmica da Avenida Presidente João Pessoa em meados do século XX	40
Foto 2.9 - Prédio da Daniele Boutique	41
Foto 2.10 - Prédio da Ação Católica	42
Foto 2.11 - Colégio Nossa Senhora de Lourdes	42
Foto 2.12 - Seminário Nossa Senhora da Assunção	43
Foto 2.13 - Sede dos Correios e Telégrafos	44
Foto 2.14 - Vista parcial da cidade de Cajazeiras	45
Foto 2.15 - Edifício da Prefeitura Municipal de Cajazeiras	45
Foto 2.16 - Vista parcial da cidade de Cajazeiras	46
Foto 2.17 - Edifício Antônio Ferreira	46
Foto 2.18 - Edifício Centenário	47
Foto 2.19 - Prédio da Telpa	48
Foto 2.20 - Cine Apolo XI	48
Foto 2.21 - Prédio da Câmara Municipal de Cajazeiras	49
Foto 2.22 - Edifício da Universidade de Campina Grande	50
Foto 2.23 - Prédio da ENCOVI	50
Foto 2.24 - Duplex situado no bairro Jardim Oásis	51
Foto 2.25 - Edifício que funciona a loja Martiliane	56
Foto 2.26 - Edifício que funcionará no térreo o supermercado Palmeiras	56
Foto 2.27 - Edifício situado a rua Juvêncio Carneiro	57
Foto 2.28 - Edifício situado no Calçadão Tenente Sabino	57
Foto 2.29 - Edifício da CERVAP	58

Foto 2.30 - Edifício da mortuária São Vicente de Paula	58
Foto 2.31 - Edifício revestido	59
Foto 2.32 - Edifício com elevador	60
Foto 2.33 - Edifício situado próximo ao INFET	60
Foto 2.34 - Edifício situado no bairro Jardim Oásis	60
Foto 2.35 - Edifício da Decorart	61
Foto 2.36 - Edifício Dada Bijuteria	61
Foto 2.37 - Edifício Pedro Abrantes	62
Foto 2.38 - <i>Hall</i> , recepção	62
Foto 2.39 - Edifício com fachada diferenciada	62
Foto 2.40 - Edifício com doze pavimentos	63

LISTA DE GRÁFICOS

Gráfico 2.1- Alvará de Funcionamento	53
Gráfico 2.2- Total de Alvará de Construção e Habite-Se	55
Gráfico 3.1- Moradores de Ambiente Vertical e Horizontal por Faixa Etária	73
Gráfico 3.2- Moradores de Ambiente Vertical e Horizontal por Nível de Escolaridade	73
Gráfico 3.3- Moradores de Ambiente Verticais e Horizontais por Profissão	74
Gráfico 3.4- Moradores de Ambiente Vertical e Horizontal	75
Gráfico 3.5- Origem dos Moradores de Ambiente Vertical e Horizontal	75
Gráfico 3.6- Residência Anterior dos Moradores de Ambiente Vertical e Horizontal	76
Gráfico 3.7- Motivo que Levou o Sujeito a Morar em Apartamento	77
Gráfico 3.8- Percepção do Processo de Verticalização de Cajazeiras	77

LISTA DE SIGLAS

UFCG	Universidade Federal de Campina Grande
CFP	Centro de Formação de Professores
UFPB	Universidade Federal da Paraíba
INFET-PB	Instituto Federal de Educação, Ciências e Tecnologia da Paraíba
SEPLAN	Secretaria de Planejamento de Cajazeiras
CREA	Conselho Regional de Engenharia e Arquitetura
CAGEPA	Companhia de Água e Esgoto da Paraíba
IBGE	Instituto Brasileiro de Geografia e Estatística
IFOCS	Inspetoria Federal de Obras Contra as Secas
FAFIC	Faculdade de Filosofia, Ciências e letras de Cajazeiras
PMC	Prefeitura Municipal de Cajazeiras
CERVAP	Cooperativa de Eletrificação Rural do Vale do Alto Piranhas
TAC	Teatro de Amadores de Cajazeiras

SUMÁRIO

INTRODUÇÃO	13
1 POR UMA LEITURA SOBRE A VERTICALIZAÇÃO DOS ESPAÇOS URBANOS	17
1.1 Fundamentação Teórica	23
1.2 Procedimentos Metodológicos	26
2 MEMÓRIAS E NOVAS OBRAS NA URBE: DOIS RECORTES TEMPORAIS PARA O ESTUDO DA VERTICALIZAÇÃO DE CAJAZEIRAS	29
2.1 Cajazeiras Passado	30
2.2 Cajazeiras Presente	51
3 AS MULTILEITURAS DA VERTICALIZAÇÃO EM CAJAZEIRAS: A Interpretação Semiótica	65
CONSIDERAÇÕES FINAIS	79
REFERÊNCIAS	80
APÊNDICE A – Questionário Aplicado aos Agentes Imobiliários	86
APÊNDICE B – Questionário Aplicado ao Representante do Poder Público: Secretário de Planejamento de Cajazeiras	87
APÊNDICE C – Questionário Aplicado ao Representante do Poder Público: Gerente da Caixa Econômica	88
APÊNDICE D – Questionário Aplicado aos Moradores de Ambiente Vertical	89
APÊNDICE E – Questionário Aplicado aos Moradores de Ambiente Horizontal	90
APÊNDICE F – Questionário Aplicado aos Comerciantes que Verticalizaram seus Imóveis	91
APÊNDICE G – Questionário Aplicado com Construtor	92
APÊNDICE H – Questionário Aplicado com Arquiteto	93
ANEXO	

1. POR UMA LEITURA SOBRE A VERTICALIZAÇÃO DOS ESPAÇOS URBANOS

Iniciamos este capítulo tecendo algumas considerações sobre a passagem da Geografia Estética à Geografia da Percepção e da Geografia da Percepção à Geografia Semiótica.

Na ciência geográfica o recurso teórico-metodológico que se aproxima da leitura semiótica do espaço geográfico foi iniciada no século passado, sobretudo com as observações de GIRÃO (1959)¹ sobre a Geografia Estética. Segundo este autor, existe uma Geografia Estética, em que é constituída pela sensibilidade dos geógrafos da Geografia Física e da Geografia Humana.

Na Geografia Física, o ambiente das sensibilidades experimentadas pelos geógrafos é a paisagem natural. Diz o autor que é: “[...] o estudo da superfície do Globo, com suas belezas e os seus abismos, o poema das florações primaveris e o desencantamento das terras agrestes” (GIRÃO, 1959, p.07). Na Geografia Humana, os geógrafos vão preocupar-se com “[...] o universo em relação aos seus habitantes (Ibidem p.08). Esta Geografia tem o objetivo de conhecer como o homem alterou a paisagem natural, construindo ou destruindo.

A respeito das abordagens teóricas sobre a Geografia Humana, GIRÃO diz:

Foi, porém, o Prof. Leôncio Urabayen, de Navarro, Espanha, quem, de modo mais clarividente, soube dar definição bem ajustada à Geografia Humana: nem só o homem, nem só o meio, nem os dois conjuntamente hão de preocupá-la, e sim aquilo a que ele chamou *precipitados geográficos*, entendidos estes como a variedade de obras materiais, de resíduos que as reações verificadas entre o meio e o homem vão depositando sobre a epiderme terrestre. O Professor espanhol reduz a duas classes ou grupos essas obras materiais que Brunhes dividiria em três, pois exclui as “*explorações animais*”, que não tem caráter permanente, devendo ser jogadas, por isso, fora do campo da geografia humana (Ibidem. p. 11).

Por isso, define que a Geografia Humana poderia ser dividida em dois grupos: “1) obras materiais de ocupação do solo (casas e caminhos) e; 2) obras materiais de exploração do mesmo solo (produtos vegetais e animais).

Nesse sentido, a ação humana deixa marcas e trazem profundas mudanças na paisagem. Sobre isso GIRÃO considera que:

¹ GIRÃO, Raimundo. **Geografia Estética de Fortaleza**. Fortaleza: Imprensa Universitária do Ceará, 1959.

Baste, aqui, o panorama, a ecúmena dos dias atuais, enriquecida de realizações, obras e monumentos que são o orgulho das civilizações ou, melhor, da Civilização: o mundo físico transfigurado, pontilhado de precipitados geográficos, dos quais, por certo, os mais evidentes são as cidades, verdadeiro acúmulo deles. De obras materiais e de obras espirituais. Um organismo, com o corpo e uma alma palpitante de vida (Ibidem. p: 12).

Então, a Geografia Estética está no campo da Geografia Física e no da Geografia Humana, pois a paisagem em si ou já humanizada é a expressão de arte para os geógrafos. Desse modo, afirma que:

Poderíamos definir a arte dizendo-a uma força nova, indefinível, que nos tira da indiferença contemplativa e nos aquece da frieza do indiferente, até percebermos que estamos diante do Belo. Da beleza natural, objetiva, ou da beleza subjetiva. Da beleza das coisas ou da beleza dos sentimentos e abstrações criadoras (Ibidem. P. 13).

Do ponto de vista metodológico, GIRÃO preocupou-se com a interpretação da paisagem ao afirmar que:

A questão é sabermos contemplar interessadamente as coisas, a paisagem, a fim de que ela tenha para nós enlevo ou fascínio emocional, provoque um arrebatamento estético. A fim que seja uma obra-prima, e não só as figuras, os objetos que a compõem (Ibidem.p.: 15).

Portanto, a Geografia Estética da cidade consiste, para GIRÃO, como sendo “[...] aquela que as estuda como uma paisagem emocionalmente observada e sentida, e não simplesmente tocado o observador de mera curiosidade, ou mesmo de preocupações científicas, dissecantes” (Ibidem.p. 16).

A passagem da Geografia Estética à Geografia da Percepção é marcada por uma nova tendência nesta ciência. Trata-se aqui de investigar a maneira que tem cada indivíduo de apreender, especificamente, o espaço geográfico. Na verdade, como afirma SANTOS² (1990) é o espaço social que define os lugares de vivências e de experiências individuais de cada sujeito. Então, o conhecimento sobre espaço, objeto de investigação pelos geógrafos humanistas, passa a ser compreendido a partir das experiências vividas por cada indivíduo no espaço social. Assim, define SANTOS “Este espaço social seria definido pelos lugares que lhe são familiares e as parcelas de território que ele deve percorrer entre diferentes lugares” (SANTOS, 1990, p. 67).

² SANTOS, Milton. **Por uma Geografia nova: da crítica da Geografia a uma Geografia Crítica**. 3ª ed. São Paulo: Editora Hucitec, 1990.

Uma das críticas verificadas na obra de SANTOS sobre a Geografia da Percepção e do Comportamento reside na tese de que as diferenciações interpretativas de cada indivíduo sobre o espaço são limitadas. Consideramos que são limitadas se o apelo interpretativo recair apenas na racionalidade individual de cada sujeito sobre suas decisões. Mas se considerarmos que a riqueza de leituras sobre os objetos construídos são elementos valiosos para interpretação de como o jogo simbólico é lido pelos sujeitos, torna-se um campo metodológico interessante. Assim, podemos compreender a necessidade de ultrapassar o campo da percepção e partir para o paradigma semiótico.

Na medida em que a cidade passa a ser um organismo repleto de signos, símbolos e imagens, a semiótica se faz necessária para leitura dos objetos espaciais que representam, simbolicamente, uma ou mais mensagens para os usuários da cidade.

A partir deste momento, apresentamos os principais aspectos sobre a verticalização, considerando as matrizes teóricas e os procedimentos metodológicos que foram adotados ao longo do desenvolvimento deste trabalho e o dividimos em dois momentos. No primeiro, fazemos uma reflexão sobre esta temática, abordando os aspectos teórico-conceituais dos principais conceitos geográficos relevantes para nossa compreensão e interpretação da verticalização de cidades pequenas no sertão nordestino. Nesse sentido, elencamos as categorias seguintes: espaço geográfico; espaço urbano; cidade e; verticalização. Recorremos então aos estudos sobre os significados expostos pelos seguintes autores: TUAN (1979), CORRÊA (2007), SANTOS (1999), CAVALCANTE (2001), LEFEBVRE (1991) e LÖWEN SAHR, (2000). A partir dos objetivos que pretendemos, iniciamos nossos estudos conceituais recorrendo a autores do paradigma humanista na Geografia. No segundo momento, apresentamos nossa fundamentação teórica referente à semiótica e semiologia e por fim definimos os procedimentos metodológicos adotados para obtermos os resultados desta pesquisa.

A ciência geográfica encontra-se em constante evolução para entender as mudanças que a sociedade sofre e conseqüentemente moldam o espaço, criando uma nova paisagem. Os geógrafos perceberam que necessitavam inovar para compreender a nova conjuntura que se apresenta, buscando novos caminhos para atuar de forma mais intencional.

Em meio a esse contexto, surge na década de 70 a geografia humanista que diverge tanto da geografia crítica quanto da teórico-quantitativa. Conforme CORRÊA, (2007, p. 30) a

geografia humanista “[...] está assentada na subjetividade, intuição, nos sentimentos, na experiência, no simbolismo e na contingência, privilegiando o singular e não o particular ou universal e, ao invés da explicação, tem na compreensão a base de inteligibilidade do mundo real”. Desse modo, a subjetividade, a experiência, o simbolismo, os signos, as imagens e os imaginários são categorias que nos interessam para explicar como os diferentes sujeitos que vivem o espaço urbano cajazeirense percebem na paisagem desta cidade a verticalização.

Para TUAN (1979 apud CORRÊA, 2007, p. 30) “no estudo do espaço no âmbito da geografia humanista consideram-se os sentimentos espaciais e as idéias de um grupo ou povo sobre o espaço a partir da experiência”.

O espaço geográfico passa a ser definido em CORRÊA (2007, p. 44) como:

[...] a morada do homem. Absoluto, relativo, concebido como planície isotrópica, representado através de matrizes e grafos, descrito através de diversas metáforas, reflexo e condição social, experienciado de diversos modos, rico em simbolismos e campo de lutas, o espaço geográfico é multidimensional.

Nossa pesquisa tem o espaço urbano como palco das ações dos sujeitos na história. Os sujeitos criam objetos fixos e sistemas de ações que implicam relações diacrônicas e sincrônicas nas transformações socioespaciais que necessitam ser reveladas. Assim:

O estudo das cidades exige a necessidade de articular o conceito de espaço [e que] espaço é uma categoria histórica e, por conseguinte, o seu conceito muda, já que aos modelos se acrescentam novas variáveis no curso do tempo (SANTOS, 1997, p. 70).

Ainda com relação à história SANTOS (1999, p. 59-60) afirma que:

O enfoque geográfico supõe a existência dos objetos como sistemas e não apenas como coleções: sua utilidade atual, passada, ou futura vem, exatamente, do seu uso combinado pelos grupos humanos que os criaram ou que os herdaram das gerações anteriores. Seu papel pode ser apenas simbólico, mas geralmente, é também funcional.

Essa base conceitual sobre espaço, uma vez que se define como termo polissêmico e complexificado na ciência geográfica, é relevante aos nossos propósitos neste trabalho a respeito da percepção e do imaginário sobre a verticalização na cidade de Cajazeiras – PB.

O espaço urbano neste trabalho será considerado como campo simbólico, contudo, adverte CORRÊA (2005, p. 145-149) que a significação e a metodologia para estudo do

espaço urbano se deve compreender como “[...] fragmentado e articulado, reflexo e condição social, e campo simbólico e de lutas. [...] também condicionante social”.

A cidade na perspectiva humanista se apresenta com estrutura e identidade relacionada com a cultura dos seus habitantes. Hoje “a cidade é o *locus* privilegiado da vida social, à medida que, mais do que abrigar a maior parte da população, ela produz um modo de vida que se generaliza”.(CAVALCANTI, 2001, p.11).

Assim, estamos de acordo com SILVA (1997, p. 85) que devemos considerar na conceituação de cidade da seguinte maneira:

A cidade esta em cena. A cidade é a cena. Cobiçada, almejada, ultrajada e rejeitada ao mesmo tempo, cidade é, na verdade, um enorme objeto de desejo. A cidade especulariza a vida cotidiana, dá sentido visual ao mundo das pessoas, das coisas, das trocas. Cidade dos encontros e desencontros. Olhares diferenciados constroem imagens e representações em infinitas composições. Permite também em escalas e níveis distintos concentrar em pontos espacialmente localizados, atividades dispersas que revelam mundos próximos e distantes. Ela aproxima e difunde cultura e conhecimento, desnuda e permite segredos. A cidade firma-se como espaço privilegiado.

Espaço urbano e cidade para LEFEBVRE (1991, apud BARBOSA 2005, p. 22), “propõe-nos apreender a cidade e o espaço urbano a partir de conceitos oriundos da lingüística: significante e significado, significação e sentido. [...] a cidade compõe uma grande diversidade de signos, símbolos e códigos, e não apenas um único sistema.[...]”.

A cidade de Cajazeiras, nosso recorte espacial, no atual contexto, mesmo sendo classificada como cidade de pequeno porte, apresenta símbolos e signos característicos de uma metrópole, sendo reproduzida nesta. Neste sentido, a instalação de objetos espaciais, a exemplo de um *shopping* center, franquias, condomínios horizontais e principalmente verticais é permeada de significados, representações e simbolismos que são incorporados pelos sujeitos que passam a consumir os objetos artificiais. (BARBOSA, 2005).

Apresentamos a seguir alguns conceitos sobre verticalização. Apontamos um arranjo de significados e selecionamos o que se adequa aos nossos propósitos.

Para Macedo (1987 apud RAMIRES 1997, p. 10, apud GOMES³):

³ GOMES, Eduardo Rodrigues. **O Processo de Verticalização do Bairro Praia do Canto em Vitória – Es: Um Estudo de Caso**, consultado no endereço eletrônico <http://www.ichs.ufop.br/conifes/anais/PES/pes0304.htm>

Verticalização significa criar novos solos sobrepostos, lugares de vida dispostos em andares múltiplos, possibilitando, pois, o abrigo, em local determinado, de maiores contingentes populacionais do que seria possível admitir em habitações horizontais, e por conseguinte valorizar e revalorizar estas áreas pelo aumento potencial de aproveitamento.

No entanto para Somekh (1987, p. 72 apud GOMES) “o termo verticalização foi definido como possibilidade de multiplicação do solo urbano pelo elevador”. Acrescenta Ramires (1998, p. 78 apud GOMES) “o que se configurou desde o início desse processo foi a difusão de uma nova forma de morar para as classes mais abastadas”.

Esse conceito de verticalização formulado por SOMEKH não pode ser aplicado neste estudo, visto que a verticalização local independe do uso do elevador. Consideramos que existem processos diferenciados da verticalização de metrópoles, cidades médias e pequenas, e existem muitas especificidades que merecem ser investigadas. A cidade de Cajazeiras está se verticalizando, essa verticalização pressupõe o aproveitamento do espaço de forma mais eficiente. Os sujeitos que fazem parte do processo de verticalização visam gastar o mínimo possível nas construções e por isso optam por edifícios que apresentam pavimentos acobertados pela Legislação local, pois a instalação do elevador deixaria a obra mais onerosa.

Para LÖWEN SAHR, (2000, p. 9):

A expansão urbana para o alto pode ser observada em muitas cidades brasileiras, não apenas nas grandes metrópoles nacionais e regionais, mas também nas cidades médias e até mesmo nas pequenas. Esta forma de expansão, denominada em geral de "verticalização", exprime um processo que se distingue fisionalmente pela construção de edificações com diversos pavimentos e que implica em várias dimensões de interpretação ligadas a elementos da modernidade no espaço urbano.

Mesmo com a verificação da verticalização no Brasil em meados da década de 20, o fenômeno passou a ser pesquisado a partir dos anos 80. A temática é mais investigada nas grandes cidades, até pelo fato de nelas ocorrerem com maior intensidade, e nas últimas décadas, surge o interesse e/ou a necessidade de estudar a forma de expansão urbana verticalizada nas cidades médias e pequenas

Com relação à carência de estudos sobre a verticalização, acrescenta Souza (1994, p. 129 apud GOMES) “[...] a bibliografia de que se dispõe é sobre a construção de edifícios, não sobre o processo de verticalização, portanto uma bibliografia mais vinculada a arquitetura e a engenharia”. Este mesmo autor fundamentado em Ramires (1998, P. 99) diz que:

[...] no Brasil os estudos sobre verticalização ganham destaque a partir dos anos 80. É nessa década que são realizados os primeiros estudos acadêmicos com destaque para defesa das dissertações de HOMEM (1982) e SOMEKH (1987), e a tese de livre-Docência de SOUZA (1989).

As contribuições de TUAN, CORRÊA, SANTOS, CAVALCANTE e LEFEBVRE reforçam a nossa opção pela corrente humanista e esclarecedor para a apreensão do espaço urbano e da cidade nesta perspectiva teórico-metodológica. De igual forma, a leitura de LÖWEN SAHR, na conceituação de verticalização também assumiu importância significativa, pois o mesmo atende à realidade da cidade de Cajazeiras.

A seguir apresentamos nossa fundamentação teórica e procedimentos metodológicos e que se apóia no método semiótico. Operacionalizamos esses conceitos tendo em vista a compreensão da percepção dos diferentes sujeitos produtores de espaço sobre o processo de verticalização.

1.1 Fundamentação Teórica

Os geógrafos da corrente da Geografia da Percepção relacionam o campo psicológico individual e coletivo ao espaço geográfico. É justamente a abordagem sobre a percepção sobre a paisagem urbana e a vida nas cidades que nos interessa. Para isso, nossa pesquisa apontou para trabalhos sobre a percepção que tem raízes no positivismo de Kant, Hegel e Husserl⁴

Na realização da pesquisa para análise do espaço geográfico especificamente da cidade de Cajazeiras, no tocante à verticalização, adotamos a Geografia da Percepção, baseada na Semiótica que consiste na significação dos signos. (ROCHA, 2002/2003).

Este autor afirma:

O primeiro contato com o mundo se dá através da sensação captada pelos órgãos dos sentidos. A sensação leva a percepção. Pela percepção formam-se as imagens que têm significados diferentes para quem as capta, dependendo de sua cultura, tempo histórico, situação psicológica, entre outros. A tendência é levar em conta apenas os aspectos concretos, objetivos, das imagens. Porém, os seres humanos são duais, isto é, tem visão externa (mundo concebido) e uma visão interna (mundo percebido, mundo subjetivo) do mundo que nos cerca (ROCHA, 2002/2003. p. 67).

⁴ ROCHA, Lurdes Bertol. Fenomenologia, Semiótica e Geografia da Percepção: Alternativas para Analisar o Espaço Geográfico. Disponível na INTERNET via http://www.uvanet.br/rcg/artigos/fenomenologia_semiotica.pdf Arquivo consultado 2009

Na compreensão do espaço vivido, percebido e produzido pelo homem a partir da leitura semiótica apresenta-se como formas indissociáveis na compreensão do mundo. A Semiótica consiste numa ciência da linguagem, tanto verbal como não-verbal. Estuda os signos⁵ no que é produzido e o que pode ser interpretado. A linguagem não-verbal pode ser os símbolos, sinais, elementos arquitetônicos, fotos entre outros. (ROCHA, 2002/2003). Acrescenta SANTAELLA (1983, p. 13-29):

[...] A semiótica é a ciência que tem por objetivo de investigar todas as linguagens possíveis, ou seja, que tem por objetivo o exame dos modos de constituição de todo e qualquer fenômeno como fenômeno de produção de significação e de sentido.[...] A Semiótica ou lógica, por outro lado, tem por função classificar e descrever todos os tipos de signos logicamente possíveis [...].

Nos estudos sobre Semiótica temos três fontes com autores que deram os primeiros passos para a construção dessa ciência. A primeira temos, PEIRCE, nos EUA, a segunda na União Soviética com os Filósofo A.N. VIESSE – LOVSKI e A. A. POTIEBNIA no séculos XIX por volta anos 50, e por fim o Suíço da Universidade de Genebra do Curso de Lingüística Geral o F. de SAUSSURE (1857-1913), que destacou o signo verbal em seus estudos. Propôs uma ciência geral dos signos, a Semiologia, em que a Lingüística seria um ramo desta nova ciência. (SANTAELLA, 1983).

Portanto, aplicaremos como método de pesquisa a Semiótica do americano Charles Sanders PEIRCE (1839-1914) e a Semiologia de SAUSSURE (1857-1913) como referencial teórico que fundamentam nosso estudo sobre a leitura de textos verbais e não verbais.

PEIRCE foi lógico, físico, matemático e filósofo, e utilizou a lógica como principal fonte do seu raciocínio. “[...] a semiótica peirceana, longe de ser uma ciência a mais, é na realidade, uma Filosofia científica da linguagem, sustentada em bases inovadoras que relacionam, nos alicerces, 25 séculos da Filosofia ocidental” (Ibidem, p.22).

Outro teórico da linguagem dos signos relevante que contribui do modo substancial é Saussure nos estudos sobre língua como um sistema ou um código, usando para isso a dicotomia sincrônica e diacrômica. “A análise sincrônica estuda o sistema sígnico num dado

⁵ Um signo representa um objeto porque transmite sobre ele alguma informação a mente interpretante, que estabelece sobre ele alguma informação a uma mente interpretante, que estabelece entre ele o signo, e seu objeto, uma relação possível, realmente existente, ou uma relação necessária e, por isso, co força de lei. Conforme a relação do signo com seu sujeito ele se denomina ícone, se ela for mera possibilidade, chama-se índice, se represente uma qualidade realmente existente no objeto, é símbolo, quando representa uma associação com o objeto que atua como força de lei. (Referencia retirada da nota de rodapé de (FERREIRA, 1988, p. 8).

ponto no tempo, sem considerar sua história” [...] Quanto à segunda dicotomia, tem-se: “A análise diacrônica estuda a evolução de um sistema signico no seu desenvolvimento histórico” Nöth (1996, p. 38 apud LUBACHEVSKI1; LÖWEN SAHR, 2005, p. 27).

A leitura que se faz de um signo é diferente para cada leitor, pois a interpretação varia de acordo com os laços que o sujeito tem com o objeto, sua cultura, o cotidiano e a importância que o mesmo possa representar. Produzindo individualmente significado e significação de um mesmo objeto.

O espaço em estudo é a cidade, então podemos considerá-la um signo e/ou um conjunto de signos. Para Callai (1998 *apud* Rocha, 2002/2003, p. 75):

[...] a leitura dos signos urbanos é feita através do conhecimento de suas origens, pelo valor que seus habitantes atribuem ao fato, na interpretação de suas formas e nos argumentos de suas funções transitórias. Portanto, esta leitura vai depender da percepção de cada um dos signos.

Complementa (FERRARA, 1988) com relação à percepção que o sujeito tem do urbano na cidade refere-se a uma prática cultural que materializa uma compreensão da cidade apoiada no uso do urbano e imagens produzidas. Instituinto uma imagem perceptiva que se sobrepõe ao projeto urbano e constitui o elemento de manifestação concreta do espaço.

A Geografia da Percepção em síntese, refere-se ao significado de um signo em que vai depender da percepção que cada sujeito tem de absorver uma informação transmitida por uma linguagem não-verbal, através dos sentidos até chegar à consciência.

A Semiótica aqui é usada para verificar como a verticalização é percebida pelos sujeitos, no caso através de seus símbolos, ex. as edificações. Acrescenta (LINHARES, 1992, p. 97):

[...] além de suas funcionalidades, as formas arquitetônicas contêm uma funcionalidade e comunicação onde a semiótica reencontrará sua interpretação. Uma idéia simples e clara nos conduz aos temas mais complexos, tais como o significado do habito social. Ou seja, a utilização social de um significado que vai além de sua função. [...] Desta forma, aos significantes arquitetônicos, onde o código é elaborado a partir de sua utilização, é atribuída uma série de significantes, por denotação e por conotação. É exatamente nesta articulação de denotação e na articulação sobre o significante que emerge a função simbólica. O funcional deixa de ser simplesmente informativo (função primária que o significante denota) e passa a ter uma carga comunicacional (função secundária, conotada pelo significante e articulada com o “*denotatum*”).

A cidade está repleta de símbolos que são textos não-verbais possíveis de serem analisados. A aplicação da semiótica neste estudo consiste no uso de fotografias de algumas edificações que moldam a paisagem local. Ressalta Ferrara (1988, p. 12) que a:

A análise de textos não-verbais através da metodologia da leitura não verbal pressupõe essa síntese integradora entre características sociais, econômicas, e culturais da linguagem, toda prática humana é cultural e, necessariamente, representativa, ou seja, esta representação concretiza nossos próprios pensamentos. [...] A cidade é o lugar do texto não verbal e a velocidade é o ritmo de sua leitura.

1.2 Procedimentos Metodológicos

Para o desenvolvimento desta pesquisa é requerida a utilização de várias técnicas para atingirmos nossos objetivos definidos anteriormente. As técnicas adotadas aqui abrangem trabalho de gabinete e de campo e que são complementares.

Iniciamos nosso trabalho de campo com a coleta dos dados através de documentação indireta, etapa que compreendeu levantamento bibliográfico, teórico e relativo ao tema e documentação direta que consistiu nas observações da área de estudo através de visitas a órgãos públicos, empresas privadas e vários seguimentos da sociedade.

No levantamento bibliográfico, investigamos livros e periódicos nas bibliotecas da Universidade Federal de Campina Grande – Centro de Formação de Professores (UFCG - CFP), do Instituto Federal de Educação, Ciências e Tecnologia da Paraíba (IFET-PB) e da biblioteca municipal Castro Pinto, visitamos o arquivo da Diocese de Cajazeiras; como também arquivos dos jornais e revistas locais e acervos particulares. Encontramos dificuldade em conseguir bibliografias referentes à cidade de Cajazeiras para o desenvolvimento do segundo capítulo que faz um breve histórico da cidade no tocante à verticalização, como também referências a processos de verticalização em cidades de pequeno porte na região Nordeste.

A pesquisa documental exigiu a realização de visitas a órgãos públicos. Esta fase demandou muito tempo devido à burocracia, caso da Caixa Econômica, e carência de arquivos de alguns órgãos públicos como a prefeitura de Municipal, especialmente na Secretaria de Planejamento de Cajazeiras (SEPLAN), como também no Conselho Regional de Engenharia e Arquitetura (CREA) que infelizmente não pode contribuir com o nosso estudo devido à mudança do programa utilizado pelo conselho e não fornece mais o número de

edificações construídas por ano. Essa informação seria de suma importância para fazermos um gráfico da expansão urbana de Cajazeiras.

Também buscamos dados no Instituto Histórico de Cajazeiras, Companhia de Água e Esgoto da Paraíba (CAGEPA). Pesquisa em outras fontes como a internet, utilizando o endereço do Instituto Brasileiro de Geografia e Estatística (IBGE) e pesquisa bibliográfico disponíveis em meio eletrônico sobre verticalização em Cidade de médio e pequeno porte.

Na aplicação dos questionários com os sujeitos produtores do espaço optamos por elaborar questões diferenciadas para cada segmento da sociedade. As questões foram semi-estruturadas, assim possibilitando uma melhor apreensão de informações. Os questionários foram direcionados a diferentes sujeitos tanto do setor público (gerentes de bancos) como do privado (Corretores de imóveis, arquitetos, comerciantes que recentemente verticalizaram seus imóveis, população de ambiente horizontal, este buscando englobar as três classes sociais nos diferentes bairros da cidade e por fim os moradores de ambiente vertical).

A escolha dos agentes públicos recaiu sobre os sujeitos que têm participação direta e indireta na política habitacional, como o Secretário de Planejamento da Cidade de Cajazeiras e o Gerente da Caixa Econômica. Aplicamos o questionário a dois agentes imobiliários. O primeiro é veterano no ramo e o segundo com atuação recente em Cajazeiras, mas que trabalhou por 9 (nove) anos em João Pessoa. Um arquiteto que já exerceu o cargo de Secretário de Planejamento do município. Dois comerciantes desta cidade que recentemente reformaram, ampliaram e verticalizaram seus imóveis comerciais. Para os moradores de ambiente horizontal e vertical usamos uma amostragem de quarenta sujeitos para preenchimento de formulário com temáticas relacionadas ao problema da pesquisa. Ao todo temos um universo de quarenta e cinco sujeitos que participaram diretamente desta pesquisa como informantes.

A escolha da pergunta referente à idade dos sujeitos informantes deu-se da necessidade de verificar se a idade dos mesmos influenciaria na percepção do processo de verticalização de Cajazeiras. No critério de separar os sujeitos pela idade usou-se a mínima e máxima para os moradores de ambiente horizontal, e a faixa etária escolar média de nível superior, para os moradores de ambiente vertical já que um dos nossos pressupostos é que a criação de novas instituições de nível superior e ampliação dos cursos das já existentes na cidade foi o que mais favoreceu esse processo de verticalização.

Para o desenvolvimento dessas etapas utilizamos o mapa da cidade para melhor identificar a área de estudo. O mapeamento foi realizado em dois momentos, primeiro com a localização das primeiras edificações verticalizadas da cidade. Depois mapeamos apenas as edificações a partir de quatro pavimentos em todos os bairros de Cajazeiras. Com a conclusão desta fase passamos a confeccionar o mapa aqui utilizado. O mapa compreende a planta da cidade de Cajazeiras, onde identificamos os lotes que apresentam verticalização com quatro (4) e/ou mais pavimentos.

No corpo do nosso trabalho utilizamos muitas fotografias antigas e atuais apresentando um mosaico com as principais imagens relacionadas ao processo de verticalização. A pesquisa e produção de imagens por meio de fotografias foi essencial para nosso estudo, visto que a semiótica consiste na ciência geral de todas as linguagens. (SANTAELLA, 1983). Enfatiza a autora com relação à importância da fotografia quando afirma que:

[...] todas as linguagens da imagem, produzidas através de máquina (fotografias), são signos híbrido: trata-se de hipoícones (imagens) e de índices.[...] O fato de sabermos que a fotografia é o efeito de radiação partidos do objeto, torna-a um índice e altamente informativo. (SANTAELLA, 1983, p. 69-70).

A seguir evidenciamos nossa análise diacrônica, considerando nossa percepção a partir do levantamento historiográfico e iconográfico tendo como referência as obras construídas pelos homens que ao longo do século XX, transformaram a paisagem urbana de Cajazeiras que nos estimula a pensar sobre as especificidades da verticalização nesta cidade em tempos pretéritos.

2. MEMÓRIAS E NOVAS OBRAS NA URBE: DOIS RECORTES TEMPORAIS PARA O ESTUDO DA VERTICALIZAÇÃO DE CAJAZEIRAS

No desenvolvimento do nosso estudo usamos dois recortes temporais. O primeiro inicia-se na década de 10 até a de 90 do Século XX. O segundo, refere-se à essa década 00 a 09 do nosso Século XXI. O fato dessas escolhas deve-se, sobretudo, à necessidade de acompanhamento histórico de um longo período de construções de especificidade desse processo de verticalização que tem características diferenciadas ao longo do século passado e por sua aceleração atualmente.

Com base em alguns referenciais sobre a história de Cajazeiras¹, percebemos que no início do século passado, especialmente a partir de 1910, foram edificadas construções com até quatro pavimentos. Estas edificações assinalaram o início do processo de modernização da cidade, que correspondiam ao contexto da expansão da atividade cotonicultora no sertão paraibano.

Assim, em meados do século XX, o desenvolvimento desta atividade algodoeira propiciava a ascensão da economia regional e local, aumentando a circulação de dinheiro e, conseqüentemente, isso se refletia no padrão construtivo das edificações, tornando-as mais imponentes e, portanto, diferenciadas dos padrões de construções residenciais, comerciais e outras dessa época. Estas edificações compreendiam os sobrados e os pequenos edifícios, nos quais residiam as pessoas mais abastadas da cidade, especialmente, os comerciantes e a elite agrária.

¹ BANCO DO NORDESTE.(Brasil) **Cajazeiras**. Fortaleza, 1978;
COSTA, Antônio Assis. **A(s) Cajazeiras que Eu Vi e Onde Vivi Memórias** .João Pessoa, 1986;
LEITÃO, Deusdet. **Ruas de Cajazeiras**. João Pessoa, 2005;
SOUZA, Antônio José de. **Cajazeiras: Nas Crônicas de um Mestre-Escola**. João Pessoa, editora Universitária, 1981.

2.1. Cajazeiras no passado

Para discorrermos sobre verticalização em Cajazeiras é necessário fazermos um breve histórico, partindo do período da ocupação do sertão da Paraíba, dando origem e desenvolvimento a pequenos núcleos de povoamento e posteriormente alcançando a categoria de cidade. Nesse sentido, torna-se necessário identificar algumas das primeiras edificações verticalizadas da cidade de 1910 a 1990.

A ocupação do território paraibano ocorreu a partir do século XVI, inicialmente através das linhas de penetração que ligavam o porto às bacias fluviais. Essa ocupação foi dificultada pelos nativos. Em 1585 foi fundada a cidade de Filipéia de Nossa Senhora das Neves, hoje João Pessoa. Até 1650 o território da Capitania da Paraíba era limitado ao litoral. Já a ocupação do Agreste e do Sertão ocorreu em séculos posteriores pela necessidade de ocupar novos espaços para criação de gado, já que o litoral estava ocupado pela atividade econômica açucareira (GONÇALVES, 1999).

Para MEDEIROS (1950, p.65 apud GONÇALVES, 1999, p. 24), a:

[...] exploração da ribeira do Piranhas foi feita na última década do século XVII pelos homens de Oliveira Ledo e paulista oriundos do Vale do Açu que, vencendo os índios aí encontrados, fundaram a aldeia de Piranhas, posteriormente denominada de Pombal (1694). O trecho mais ocidental do sertão paraibano, onde se situa Cajazeiras, só seria povoado em meados do século XVIII.

No final do século XVIII, o vale do Piancó apresentava setenta e sete fazendas (JOFFIL, 1976). Essas fazendas eram estabelecidas, sobretudo em áreas de localização estratégicas que favoreciam o adensamento da população. Conforme relatos observados no Plano Diretor de Cajazeiras, o processo de implantação das cidades ocorria predominantemente:

[...] com a doação, ao patrimônio de uma santa, de um terreno na sesmaria. No terreno se erguia uma capela em nome da santa e se aglomera em volta a povoação. Ou poderia começar com a construção de uma capela pelo proprietário da fazenda seguindo-se a aglomeração e a doação do terreno à igreja. Nascidas assim, logo se organizavam em torno de uma praça em frente à igreja, que se destacava na fisionomia do lugarejo. Uma ou outra casa de proprietários rurais, algumas casas de comércio, casinhas de população que trabalhava no campo e na povoação, a igreja. Na praça, eram realizadas as feiras semanais e festas religiosas, fazendo desse espaço o uso

coletivo que começava a caracterizá-lo como espaço urbano. (PLANO DIRETOR DE CAJAZEIRAS, 1977, p. 13).

Em meados do século XIX, o desenvolvimento da atividade cotonicultora viria a dar novo impulso à ocupação do espaço paraibano. Nesse período o governador da Capitania da Paraíba, Luiz Antônio Lemos Brito, conferiu uma porção de terras no extremo oeste por sesmaria a Francisco Gomes Brito e José Rodrigues da Fonseca. Em seguida, parte dessas terras foi concedida a Luiz Gomes de Albuquerque.

Com o matrimônio da sua filha Ana Francisca de Albuquerque com Vital de Sousa Rolim, Luiz Gomes doou as terras como forma de dote para o novo casal. Eles fixaram moradia com a construção de uma casa, de curais para o gado e de um açude no riacho que passava nas suas terras, servindo ao abastecimento de água para humanos e animais.

O casal teve filhos, entre eles Inácio de Sousa Rolim, que se formou padre foi o grande mentor para a criação da cidade Cajazeiras, que recebeu esse nome por haver, na região, muitos pés de cajás. O Pe. Inácio tinha o objetivo de educar o povo que habitava o lugar, tarefa difícil na época. Sua empreitada de educar a população iniciou-se com o imprevisto de uma escolinha no local onde funcionava uma serralheria localizada próxima à casa grande, em 1829.

Em 1843, as aulas foram transferidas para uma outra edificação onde atualmente funciona o Colégio Nossa Senhora de Lourdes. Em 1853, o colégio tinha em torno de quarenta e seis alunos matriculados o que correspondia à metade dos alunos do Liceu Paraibano situado na Capital (Ibidem, p.17). Na época existiam poucas escolas no país e no sertão da província surgiu uma que, em pouco tempo, o seu espaço físico não comportava o número de alunos oriundos de localidades próximas e de Estados vizinhos, como: Rio Grande do Norte, Pernambuco, Piauí e Maranhão.

Nesse mesmo ano já existia uma economia que girava em torno da criação de gado, do plantio de algodão, da educação e da parada de tropeiros que seguiam para o vale do Piancó. Estes foram fatores que contribuíram para o crescimento da população. Em 7 de agosto de 1848 realizou-se a primeira feira do povoado, cujo objetivo era a comercialização de produtos agrícolas da região, atraindo indivíduos locais e de outras localidades. Até essa data a feira era realizada em São José de Piranhas.

Nesse período pode-se destacar o padrão das edificações, que apresentavam formas heterogêneas, mesclando-se entre os casarões da elite agropecuária, localizadas no centro em torno da capela e as casas geminadas dos trabalhadores, localizadas principalmente na periferia do povoado.

O povoado na época já apresentava um crescimento significativo, sendo denominado Distrito sob dependência de Pombal. Em 29 de agosto de 1859, data de criação da paróquia de Nossa Senhora da Piedade, foi denominado o distrito de Cajazeiras subordinado ao município de Sousa através da lei provincial nº 5. Em 23 de novembro de 1863 foi promovida à categoria de vila e sede de município através da lei provincial nº 92, sendo instalada em 20 de julho de 1864. Com o notável desenvolvimento da vila, a lei nº 616 de 10 de julho de 1876 a elevou a categoria de cidade, Plano Diretor (1977).

O processo de evolução urbana da cidade se deu de forma lenta e gradual, e iniciada no entorno do seu sítio histórico, que compreende parte do centro de Cajazeiras.

Por volta de 1890, a cidade de Cajazeiras contava com apenas 290 edificações que se distribuíam pelas principais ruas do centro e acelerou-se em torno da Praça Nossa Senhora de Fátima. Leitão (2005) afirma em seu estudo que

A vida da vila naquela praça a sua maior expressão. Ali residiam as famílias de maior representação social e econômica do município. Num livro de lançamento de impostos predial de 1891, encontramos a relação nominal dos proprietários dos prédios que ocupavam o espaço lateral da matriz. A praça era delimitada por uma pequena artéria que tinha o nome de Rua do Cruzeiro, referência ao velho cruzeiro ali existente. [...]. Em 1930, a praça da Matriz passou por substancial reforma, graças à operosidade do Prefeito Hidelbrando Leal que urbanizou, a construção do coreto e do passeio público, em seu derredor, resultando na demolição do velho patamar [...]. Em 1952, o prefeito Otacílio Jurema ampliou a praça com a demolição das casas da antiga Rua do Cruzeiro, [...] (LEITÃO, 2005, p. 14).

As ruas mais antigas da cidade foram a rua Joaquim de Sousa, que recebeu anteriormente os nomes de rua da Feira e depois rua da Feira Velha. Era uma das mais populosas da época. A atual rua Epifânio Sobreira antes era denominada rua do Sol e depois passou a ser 15 de Novembro. A rua Boa Vista e depois denominada rua da Tamarina atualmente corresponde a rua Cel. Guimarães. O atual Calçadão Tenente Sabino, antes Aprígio de Sá, foi a primeira rua a ser calçada em paralelepípedo. A Avenida Presidente João Pessoa antes rua Nova surgiu da ocupação do espaço paralelamente à rua Joaquim de Sousa que naquele momento concentrava a zona comercial da vila. Em 1890, a rua Nova era a mais

populosa, pois comportava 49 (quarenta e nove) casas no início do século XIX, recebendo a denominação de rua Sete de Setembro, mantida até 1930. No governo de Hidelbrando Leal passou a ser chamada, até os dias atuais, de Avenida Presidente João Pessoa (LEITÃO, 2005). Durante muitos anos esta Avenida foi o ponto de encontro dos cajazeirenses nas noites natalinas e nos carnavais, como também nos finais de semana que, após as missas na Catedral Nossa Senhora da Piedade e matriz Nossa Senhora de Fátima, deslocavam-se até a mesma para sentar nos bancos situados no canteiro.

A expansão da cidade esteve associada ao seu crescimento econômico com a cultura do algodão, da pecuária, do comércio e principalmente, da prestação de serviço no setor educacional. Conforme observamos no Plano Diretor (1977, p. 15):

[...] a vizinha cidade de Sousa, centro algodoeiro situado no fértil vale do Rio do Peixe, mais antiga e de maior vocação comercial, seria sempre um obstáculo ao crescimento comercial de Cajazeiras. Mesmo assim, talvez por causa do tipo de solo e sua repartição em propriedades menores, a densidade populacional da região de Cajazeiras era maior que a de Sousa, implicando num número maior de pessoas que buscavam a cidade para o abastecimento semanal, nos dias de feira. Essa procura fazia crescer o comércio de atendimento local. Como função regional de maior alcance, Cajazeiras consolidaria, cada vez mais, a de centro educador do sertão nordestino.

A partir deste momento focalizaremos nossas atenções para a história da cidade de Cajazeiras em que demonstraremos os acontecimentos datados a partir de 1910 que contribuíram para a atual paisagem urbana da cidade. Identificaremos também algumas das primeiras edificações verticalizadas, desse período, considerando a cidade como um lugar repleto de textos não-verbais, ou seja, as edificações como campo simbólicos. Para FERRARA (1988):

O texto não-verbal de um espaço-lugar na flagrante na temporalidade de um uso tem uma memória que interfere e contamina, a médio prazo, a sua própria síntese. Por isso, o levantamento dessa memória, muito além do seu aspecto pitoresco ou nostálgico, é a informação sobre o presente. Na leitura, é necessário ir longe no tempo, conhecer a alteridade e o distante da apresentação do espaço a fim de apreender o que está perto e parece obvio, porque usual. Ler esta memória significa interpretar o texto da cidade, outra forma de entranhamento. Domínio do não verbal, essa leitura não pode prescindir do recurso de veículos áudio visuais, notadamente a fotografia [...] (FERRARA, 1988, p. 17).

Nesse início de século, algumas intervenções do Governo Federal foram impactantes para o crescimento da cidade e imprescindíveis para o princípio da verticalização de Cajazeiras. Por exemplo, por volta de 1911 foram colocados os fios para a instalação do

Telégrafo que segundo COSTA (1986) foi a primeira benfeitoria do Governo Federal na cidade. Consideramos esse fato como um marco das mudanças modernas na cidade e logo viria a verticalização.

A verticalização em Cajazeiras surgiu de forma tímida e em pequenas proporções. Os sobrados eram as primeiras formas verticais. No ano de 1917 é construído o primeiro sobrado de Cajazeiras, conhecido por “Solar de Joaquim Costa” (COSTA, 1986, 29).



Foto 2.1 - **Solar de Joaquim Costa**, edificado em 1917 - Primeiro Sobrado de Cajazeiras. Em 1960 foi reformado e adaptado por Tota Assis para funcionar o Grande Hotel. Atualmente o prédio passou por nova reforma e foi desmembrado em lotes menores. Fonte: COSTA, Antônio Assis. A(s) CAJAZEIRAS QUE EU VI E ONDE VIVI. João Pessoa, 1986.

A Igreja Católica após a criação e instalação da Diocese em 1914, na cidade de Cajazeiras, também foi fundamental para o desenvolvimento da cidade, principalmente no tocante as edificações verticalizadas com a construção de vários prédios.

A Catedral Nossa Senhora da Piedade, com sua torre de 52m, já se destacava na paisagem desde o momento de sua construção. A obra iniciada em 1915 apresenta uma verticalização de imponência comum às torres de outras igrejas católicas, passando a utilizar recursos tecnológicos da construção civil inovadores à época para a região. A foto 2.2 ilustra a fase inicial da construção da Catedral e a Foto 2.3 mostra a visão panorâmica da mesma.



Foto 2. - **Início da construção da Catedral Nossa Senhora da Piedade** - (início do século XX), a cidade é vista de cima, imagem de construções horizontais. Observamos que a esquerda da foto é visto o início da construção da Catedral apresentando alguns arcos. Está situada a rua é a Padre Rolim no centro da cidade. Fonte: Acervo de Leopoldo de Souza Ferreira. (Borracha).



Foto 2.3 - **Vista panorâmica da construção da Catedral** - (meados do século XX). Visão do início da rua Padre Rolim no cruzamento da padre José Tomás e Oiticicas. Fonte: Acervo de Leopoldo de Souza Ferreira.

Em 1918, foi instalada uma indústria na cidade, Usina Santa Cecília, primeira na região sertaneja usada no beneficiamento do algodão, fabricação de óleo, sabão e ração para o gado. Sua instalação foi fundamental para o início do progresso local (SOUZA, 1981).

Eventos de ordem política, econômica e social, ocorridos em escala global com o fim da Primeira Guerra Mundial em 1918, proporcionaram um período de reconstrução mundial e do progresso que refletiram em Cajazeiras na década de 20 do século passado. (SOUZA,

1981). As décadas de 20 e 30 foram marcadas por medidas de infra-estrutura e de efervescência cultural.

Em 1921 chegaram na região os engenheiros norte-americanos da Construtora Dwight P. Robinson para a construção das barragens de Boqueirão de Piranhas e São Gonçalo. Na época o Brasil não dispunha de construtoras para executar obras desse porte. Coube aos engenheiros brasileiros através da Inspetoria Federal de Obras Contra as Secas (IFOCS) a abertura de estradas que contribuiu para ligação para demais cidades e Estados vizinhos (COSTA, 1986). [...] Os negócios comerciais cresciam, tanto pelo regular inverno e a favorável safra de algodão, como por conta do dinheiro da inspetoria e dos americanos² (COSTA, 1986, 43).

No ano de 1922 foi implantado um sub-ramal da rede ferroviária, Viação Cearense, inicialmente para o transporte de algodão e no ano seguinte em 1923 para o transporte de passageiros. Para enriquecer esse fato histórico ao progresso da cidade, acrescenta COSTA.

A 15 de novembro de 1922, [...] em uma tarde quente, um belo painel com pinturas de brasileiros ilustres e dizeres gritantes sobre o acontecimento, era dilacerado e de propósito, já que quase no fim da linha de ferro, entre os armazéns cobertos de zinco, construídos pelos americanos, os fogos espoucando, a banda de música tocando, a mãos dos bisonhos cajazeirenses da época aplaudindo, um trem entrava pela ponta da rua de Cajazeiras, com prancha de carregar terra, vindo de ré, pois ainda não havia triângulo para manobra, com sua locomotiva Maria Fumaça, com apitos, à vapor, longos e melodiosos, entrecortados de soluços, modulados de harmonia pelo seu Maquinista que operava com perfeição de um músico (COSTA, 1986, 52).

A Chegada da luz elétrica com a instalação de uma Usina Geradora de Força e Energia Elétrica foi positiva para a qualidade de vida da população e para o desenvolvimento da cidade. Em 1924 houve a instalação da concessionária da Ford tendo em vista um mercado consumidor e em 1938 a inauguração da agência do Banco do Brasil. Com relação à efervescência do comércio por volta de meados da década de 20, ressalta (COSTA, 1986, 62):

As feiras, na época de safra de algodão, tiveram em certo período, um grande sucesso de progresso e animação. Houve uma alta [...] espetacular no preço do algodão, o produto básico da região. Aí correu um dinheirão. Alguns poucos automóveis, Ford de bigodes, foram comprados pelos maquinistas de algodão que, abandonando as bolandeiras puxadas à boi, já adquiriam locomoveis à vapor, importados da Inglaterra e Alemanha [...].

² Os norte-americanos e a IFOCS, faziam a terra progredir, aliada a um bonanço inverno de 1922 e de 1923. Os comerciantes ganhavam dinheiro, com um comércio que se encontrava injetado de verbas federais na construção de três açudes na Região de Boqueirão de Piranhas, [...] São Gonçalo [...] e o Pilões [...].(COSTA, 1986, 55.)

No âmbito cultural criou-se vários jornais intitulados de: Pátria Jornal, O Rio do Peixe, O Debate, O Estado Novo, Correio do Sertão e Tribuna do Sertão. Houve ainda a fundação de clubes que serviam como lugar de lazer da elite e dos trabalhadores: Grêmio Artístico, Edifício OK, Circulo Operário, 1º de Maio, Teatro de Amadores de Cajazeiras (TAC) (SOUZA, 1981).

Nesse momento, Cajazeiras adquiria aspectos de cidade e como grande parte das cidades brasileiras, desenvolveu-se espontaneamente, sem que existisse um planejamento oficial na sua morfologia urbana que era marcada por ruas estreitas e tortuosas, casas desordenadas, falta de saneamento básico, entre outros fatores que indicam a ausência de planejamento urbano por parte da edilidade local.

Em 1923, foi construído um prédio na esquina do atual Calçadão Tenente Sabino, que segundo informações de um morador local a edificação pertencia ao senhor Sebastião Bandeira de Melo. No imóvel, funcionava o serviço de Alto Falante da cidade. Este prédio, consiste numa Verticalização baseada no estilo de viver e trabalhar em um só lugar, comum na época, em que o térreo servia de comércio e o andar superior para residência. Nas fachadas existem detalhes em reboco para adorno.



Foto 2.4 - Foto Sobrado - Construído em 1923. Foto: Leidjânia Dantas de Abreu, nov., 2009.

No prédio onde atualmente funciona a Faculdade de Filosofia Ciências e Letras (FAFIC) por muitos anos funcionou o Colégio Diocesano Padre Rolim. Hoje se mantém como um edifício de grande porte e de verticalização moderada, com pé-direito do térreo

quase que duplo (influência da arquitetura destinada ao clero) e afastamento do solo. Segundo (LEITÃO, p. 62, 2005):

Com o fechamento da Casa de Caridade, aquele prédio serviu de quartel à Companhia de Polícia Militar, sediada em Cajazeiras e, a partir de 1929, abrigou o Colégio Diocesano Padre Rolim, cumprindo-se, assim, a sua predestinação histórica. O velho prédio, construído pelo Padre Ibiapina, passou por substancial reforma em sua velha estrutura, graças ao dinamismo de D. João da Mata Andrade e Amaral, dando-lhe um aspecto moderno e majestoso, com dois pavimentos destinados à sua nobre atividade.



Foto 2.5 - **Colégio Diocesano Padre Rolim.** - Na década de 90 do século passado foi construída uma quadra esportiva que cobre parte de sua fachada. Fonte: Acervo de Leopoldo de Souza Ferreira. (Borracha).

O Prédio Vicentino, que recebeu o nome de Cine-Pax é hoje popularmente conhecido como Prédio do Bispo foi construído na Administração do Bispo Dom Moises Coelho e reconstruído com dois pavimentos pelo bispo Dom João da Mata. Consiste numa Verticalização com função de acomodação para membros da igreja e posteriormente vislumbraram o aluguel. Neste século a edificação passou por um processo de revitalização.



Foto 2.6 - **Edifício Cine-Pax** - Foto tirada depois da reforma das fachadas. Edifício pertencente a Diocese de Cajazeiras. Construído para abrigar membros da igreja católica. Atualmente conhecido como Prédio do Bispo. No térreo funcionam restaurantes, bares e escritório, nos primeiro e segundo pavimentos são apartamentos para locação. Foto: Leidjânia Dantas de Abreu, set., 2009.

Em meados da década de 30, Cajazeiras foi palco de grandes obras arquitetônicas construídas pela elite local, composta por comerciantes e por fazendeiros que desenvolviam a cultura do algodão e passavam por um período de grande prosperidade. As edificações da época refletiam essa fartura nas construções residenciais populares ou palacetes e comerciais, principalmente dos mais abastados.

As primeiras edificações até a década de 30 eram na sua maioria de até dois pavimentos, compreendendo o térreo e o primeiro pavimento. Algumas para fim exclusivamente residencial e outras localizadas nas ruas do centro comercial, geralmente o térreo funcionava o ponto comercial e o primeiro pavimento era um depósito ou a residência do proprietário. Conforme (COSTA, 1986, p.108-109.):

Foi por essa época que, em Cajazeiras, um progressista empresário sonhou e começou a construir, além da resistência imponente, [...] um conjunto de casa de diversão: o Cine Teatro Éden, com um bem adaptado salão, no piso superior, para um clube de diversão, conclamando a sociedade local, sem partidária, para que ali se instalasse o Excelsior Clube, planejado, com planta feita por engenheiro do DNOCS, para servir aos sadios divertimentos da sociedade de Cajazeiras.

Esse empreendimento refletia a modernidade que chegava à cidade. Os empresários já vislumbravam um mercado consumidor para esse ambiente. O edifício foi construído na Avenida presidente João Pessoa, local que se consolidava como ponto de encontro da

sociedade cajazeirense. A edificação é um exemplar de arquitetura com influência *Art Nouveau*. Trata-se de uma verticalização moderada com pouco uso de ferro estrutural. Leitão acrescenta:

Com a construção do Edifício OK, uma arrojada iniciativa do empresário José Lira Campo, Avenida Presidente João Pessoa passou a ser o ponto de convergência da população cajazeirense, nos festejos carnavalescos e em gigantescos comícios das campanhas eleitorais. O Edifício OK [...] foi um grande acontecimento para a vida da cidade, com a sua inauguração em 1936. Em suas instalações, acolhia, no pavimento superior, o Excelsior Club e, na parte térrea, o Cine Teatro Éden, moderna e atraente sorveteria, salão de bilhares e uma bem montada barbearia. Foi, por algum tempo, o orgulho da cidade, com suas modernas instalações. (LEITÃO, p. 17, 2005).



Foto 2.7 - **Edifício OK** - Foto: Leidjânia Dantas de Abreu, set., 2009.



Foto 2.8- **Vista panorâmica da Avenida Presidente João Pessoa em meados do século XX.** - A foto mostra a verticalização da avenida com edifícios que compreendem o térreo e mais um pavimento. Fonte: : Acervo de Leopoldo de Souza Ferreira. (Borracha).

Nesse período foram construídas muitas edificações representativas para a cidade. O prédio onde atualmente funciona a Daniele Boutique, situado à rua Pe. José Tomas foi uma das primeiras edificações da cidade com função comercial e construído na década de 30. É um exemplo de verticalização que reflete a imponência típica dos empresários da época e apresenta um projeto rebuscado. O prédio pertencia a José Marques Galvão. Inicialmente funcionava a casa Ipiranga de propriedade do comerciante Álvaro Marques Galvão, posteriormente funcionou a antiga Mesa de Rendas da cidade³. O prédio foi construído pelo “Mestre” José João Soares que também foi responsável pela construção de outros imponentes empreendimentos imobiliários da cidade (LEITÃO, 2005). Neste século, o prédio passou por uma revitalização não alterando a fachada, mas modificando completamente seu interior.



Foto 2.9 - **Prédio da Danielle Boutique** - Situado à esquerda, imagem de meados do século XX. Verticalização moderada com sintonia do entorno construído mantendo-se quase que inalterado até os dias atuais. Fonte: Acervo de Leopoldo de Souza Ferreira. (Borracha).

O edifício da Ação Católica, onde funcionou a FAFIC, hoje é utilizada para a 9ª Região de Ensino foi construído pela Diocese de Cajazeiras. Apresenta um traçado sem muita expressão, com verticalização moderada e apresenta passeio público excelente com aberturas na fachada para norte.

³ As Mesas de Rendas (Coletorias Estaduais), estavam espalhadas por toda Paraíba. Fonte: NETO. Martinho Guedes dos Santos ESTADO INTERVENTOR NA PARAÍBA (1930-1932):POLÍTICA, CENTRALIZAÇÃO E DIMENSÃO MÍTICO-ESTATAL. SAECULUM Revista de História, 17, jul/dez 2007, João Pessoa. Disponível em < http://www.cchla.ufpb.br/saeculum/saeculum17_dos03_santosneto.pdf> . Acesso em: 16 out. 2009.

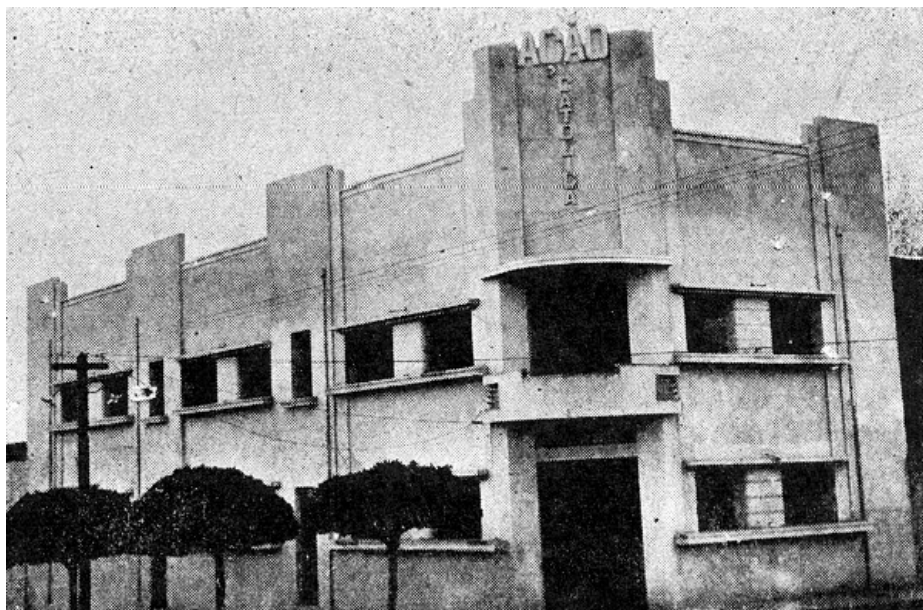


Foto 2.10 - Prédio da Ação Católica. - Edifício pertencente a Diocese de Cajazeiras. Funcionou por muitos anos a FAFIC. Atualmente é sede da Nona Regional de Ensino do Estado. Fonte: Acervo de Leopoldo de Souza Ferreira. (Borracha).

A Escola Normal, hoje Colégio Nossa Senhora de Lourdes no ano de 1934 passou por um processo de reconstrução recebendo moderna e elegante instalação com dois pavimentos (LEITÃO, 2005). O edifício representa grande simbologia, pois é visível a preocupação com a ambiência externa, como também apresenta bons recuos frontais com um jardim típico de exemplos europeus. O uso da verticalização é moderada, tendo em vista a grande área disponível da propriedade.



Foto 2.11 - Colégio Nossa Senhora de Lourdes. - Atualmente as árvores plantadas em volta cresceram deixando a paisagem mais bonita. Fonte: Acervo de Leopoldo de Souza Ferreira. (Borracha).

No período que compreende as décadas de 30 e 40, a cidade era restrita ao seu sítio⁴ urbano, seja por influência natural e/ou interesses econômicos, como está ressaltado no Plano Diretor (1977, p. 15) que :

a topografia do sítio urbano forçava o adensamento da área central, formando barreira para a expansão tanto ao norte como ao sul; a oeste, o Açude Grande impedia o crescimento: a cidade parou na barragem; restavam os caminhos de entrada e saída da cidade: ao longo da saída norte já se aglomeravam do sangradouro do Açude; para oeste, beirando o açude e ao longo da saída para o Ceará, também se expandia; para o sul, crescia ao longo do que poderia considerar a 1ª rodovia de contorno da cidade, a atual Av. Engº Carlos Pires; para leste, crescia em volta da Estação Ferroviária (principalmente indústrias e armazéns, que se beneficiavam dessa proximidade com a estação e saída da cidade) e ao longo da saída para Sousa.

No final da década de 40 foi concluída a construção da Catedral e do Seminário Nossa Senhora da Assunção. A construção verticalizada do Seminário ocorreu por questões estéticas, pois buscava-se conforto com a separação dos ambientes, propiciando mais privacidade aos seus moradores e/ou segurança já que a edificação na época localizava-se distante em relação ao centro. A falta de espaço não seria motivo, já que a área onde foi construída era extensa.



Foto 2.12 - **Seminário Nossa Senhora da Assunção**. - Situado na Zona Sul da cidade área que apresenta uma altitude elevada em relação ao centro da cidade. Foto: Leidjânia Dantas de Abreu, set., 2009.

O processo de migração campo/cidade presente em inúmeras cidades, em escala mundial e nacional, também se repetia em Cajazeiras, contribuindo para o crescimento urbano

⁴ o sítio é definido como o quadro topográficos no qual se enraizou a cidade, pelo menos em suas origens [...](GEORGE, 1983, p. 37)

da cidade na década de 50. Esse crescimento rápido e sem planejamento acarretou grandes problemas com a ocupação de algumas áreas, a exemplo do bairro Capoeiras, que devido às condições naturais do terreno, com predomínio de material cristalino, dificultou a implantação de infra-estrutura sanitária. Segundo o Plano Diretor (1977, p. 16):

Em Cajazeiras, o fenômeno se repetiu tal qual em outros centros urbanos. Os bairros cresceram, principalmente os de Capoeiras, Sto. Antônio e Esperança, onde se concentra hoje mais de 1/3 da população da cidade. A mesma organização do espaço que se verificava no início da povoação, com os ricos em torno da praça e os pobres na beira dos caminhos, se reproduziria em escala ampliada: os ricos ocupavam o centro, onde os serviços urbanos eram mais fáceis, e os pobres, na periferia, desprovida de qualquer infra-estrutura sanitária e social.

Em 1951 foi construída na rua Juvêncio Carneiro a sede dos Correios e Telégrafos da cidade que correspondia a uma edificação de um pavimento superior e se destacava na paisagem (LEITÃO, 2005). A forma arquitetônica é marcada por traços retos, comum nos dias atuais.



Foto 2.13 - **Sede dos Correios e Telégrafos** -. O prédio passou por uma reforma e atualmente apresenta-se apenas com o pavimento térreo e outra fachada. Situado à rua Juvêncio Carneiro. Fonte: Acervo de Leopoldo de Souza Ferreira. (Borracha).



Foto 2.14 - **Vista parcial da cidade de Cajazeiras.** - A rua principal da foto é a Juvêncio Carneiro, o prédio de primeiro andar é a sede dos correios, na época a Agência do Banco do Brasil ainda não tinha sido construída. Observamos também vários espaços não construídos, como também a estátua do Cristo Redentor que atualmente se encontra no morro que se destaca no relevo da cidade. Fonte: Acervo de Leopoldo de Souza Ferreira. (Borracha).

No ano de 1955 foi construído o moderno prédio da Prefeitura Municipal apesar dos protestos de personalidades representantes do tradicionalismo local (LEITÃO, 2005). Essa edificação foi erigida baseada no estilo moderno que predominou nas décadas de 50 e 60. Uma característica dessa fase é uma construção racionalista e visa principalmente a função em detrimento da estética. O edifício foi bem colocado na praça e remete ao observador uma linda imagem.



Foto 2.15 - **Edifício da Prefeitura Municipal de Cajazeiras.** - Situado na rua Juvêncio Carneiro, Centro da cidade. Fonte: Acervo de Leopoldo de Souza Ferreira. (Borracha).



Foto: 2.16 - **Vista parcial da cidade de Cajazeiras.**- A foto mostra o centro da cidade, o açude grande e o prédio da prefeitura se destacando na paisagem. Observamos como a cidade era arborizada na época. Fonte: Acervo de Leopoldo de Souza Ferreira. (Borracha).

Em 1963 foi construído o prédio da Rodoviária Antônio Ferreira por muitos anos sediada nesse local. Parte do térreo e nos demais pavimento funciona o Hotel Explanada, e nas demais salas do térreo funcionam lojas e escritórios. Para a construção do edifício foi necessária a vinda de engenheiros de fora da cidade. Consiste uma das primeiras construções verticalizadas com preocupação com o cálculo estrutural.



Foto 2.17 - **Edifício Antônio Ferreira.**- Prédio que funcionou por muitos anos a rodoviária da cidade. Fonte: Acervo de Leopoldo de Souza Ferreira. (Borracha).

No ano de 1964, a cidade de Cajazeiras comemorou seu primeiro centenário, foi um ano de muitas festividades, inauguração de ruas pavimentadas, de prédios públicos, entre eles o Edifício Centenário onde atualmente funciona a Coletoria Estadual.



Foto 2.18 - **Edifício Centenário.**- Situado no calçadão Tenente Sabino. Foto Leidjânia Dantas de Abreu, nov., 2009.

Em 1965 é inaugurada a moderna estação de serviço telefônico local, a TELPA. Prédio pertencente a uma estatal do governo que foi construída em várias partes do País. Há presença de profissionais como também um padrão do material utilizado. Ainda nesse ano é inaugurado um edifício que funcionou o estúdio da Rádio Alto Piranhas, um salão para auditório Cinema Apolo XI (SOUZA, 1981). Em meados deste século o prédio passou por uma reforma e foi descaracterizado, sendo adaptado para abrigar os sacerdotes aposentados.

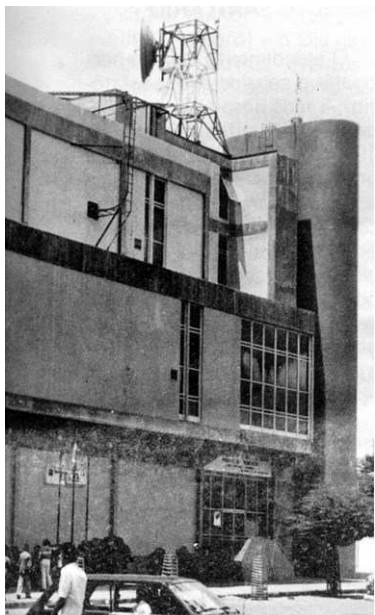


Foto 2.19 - **Prédio da TELPA.**- Atualmente funciona a Telemar. Fonte: Acervo de Leopoldo de Souza Ferreira.



Foto 2.20 - **Cine Apolo XI.**- Atualmente recebe os padres aposentados Foto: Leidjânia Dantas de Abreu, set, 2009.

O aumento do fluxo do transporte rodoviário com a implantação do asfalto na BR 230 que liga Cajazeiras à capital do Estado, João Pessoa, nos anos 70 do século passado entre outros fatores que ocorreram em escala nacional se reproduziram nas cidades do interior, caso de Cajazeiras. Foi um período marcado por grandes obras como a construção de edifícios públicos e particulares no centro e a criação de novos equipamentos urbanos, os quais influenciaram a expansão urbana na área periférica, proporcionando o surgimento e crescimento de novos bairros como o dos Remédios, Casas Populares e São José. Esse quadro representava conjuntura econômica nacional da época Plano Diretor (1977).

Na década de 60, a população cajazeirense era de 15.884 habitantes e em 1977 apresentava o dobro da população, 30.345 habitantes. Visto o crescimento da cidade, da complexidade que já a acompanhava, como também a gravidade dos problemas urbanos presentes nas cidades brasileiras, enfrentados pelos poderes públicos nas esferas federal e estadual, colocaram a importância da ação planejada de intervenção do Estado no espaço urbano. Desse modo, sob responsabilidade do poder público municipal, foi criado o Plano Diretor da cidade de Cajazeiras.

Em 31 de janeiro de 1977 foi inaugurado o edifício da Câmara Municipal. Até então a Câmara funcionava em imóveis alugados e nas mudanças eram frequentes a perda de documentos.



Foto 2.21 - **Prédio da Câmara Municipal de Cajazeiras.** -Primeiro edifício da cidade a ser colocado o elevador no início deste século. Foto: Leidjânia Dantas de Abreu, set., 2009.

Em 1979 foi instalado o Campus V Universidade Federal da Paraíba (UFPB) incorporando os cursos da FAFIC. Em 1980 foi inaugurado o prédio do Campus V da UFPB na cidade de Cajazeiras onde passou a funcionar o Centro de Professores. Um edifício imponente com três pavimentos, considerado na época “a obra do século” (SOUZA, 1981). Arquitetura com uso de proteções solares tipo *brises* horizontais muito usados a partir da construção da cidade de Brasília. Localização privilegiada com visão quase que total da cidade. Verticalização boa para o uso acadêmico.

Na década de 70, a educação de nível superior já era vista como atrativo para o desenvolvimento da cidade. Em documento do BNB, observamos que

[...] a vinda de professores de outros pontos do País; a instalação de bibliotecas; melhoria da rede hoteleira da cidade e do setor de transporte; a intensificação do movimento comercial; a valorização dos imóveis; acesso ao estudo superior por parte de pessoas pertencentes a camadas sociais menos abastadas; diminuição do processo migratório para os centros maiores; [...] (BANCO DO NORDESTE, p. 16, 1978).

Em função da construção do Campus V na Zona Norte da cidade, área pouco ocupada na época a mesma passou a ser mais valorizada. No final dessa década de 1980 foi construído um edifício residencial de três pavimentos incluindo o térreo vizinho a esta Instituição de Ensino Superior.



Foto 2.22 - **Edifício da Universidade Federal de Campina Grande - Campus de Cajazeiras.** - Situado na Zona Norte da Cidade. Foto: Leidjânia Dantas de Abreu, set., 2009.

Em 1981, segundo dados do setor de cadastro da Prefeitura Municipal de Cajazeiras (PMC), foi construído o edifício da ENCOVI, o primeiro com quatro (4) pavimentos, incluindo o térreo. É um edifício residencial que na época destacava-se dos demais. Essa edificação é diferente das construídas neste século, os ambientes internos são mais maiores, dispões de garagem e de guarita.



Foto 2.23 - **Prédio da ENCOVI.**- Primeiro edifício com quatro pavimentos incluindo o térreo construído na cidade de Cajazeiras. Foto: Josias de Castro Galvão, out., 2009.

Na década de 90, a instalação do IFET-PB foi um fator que marcou a valorização do espaço urbano nas suas proximidades. Foram construídos alguns duplex no Bairro Jardim Oásis e algumas edificações isoladas na cidade. O duplex é um tipo de verticalização que visa ganhar espaço e obter mais lucro com a venda ou o aluguel do imóvel.



Foto: 2.24 - Duplex situado no bairro Jardim Oásis -. Foto: Josias de Castro Galvão, out., 2009

As formas simbólicas aqui apresentadas através dos objetos fixos remetem a eventos passados que integram a paisagem urbana do presente.

2.2. Cajazeiras do presente

Faremos aqui uma descrição da paisagem urbana verticalizada, com seus objetos fixos construídos a partir deste século. A paisagem urbana da cidade de Cajazeiras está passando por intensas transformações, principalmente nestes últimos seis anos, que devem ser reveladas neste estudo.

A cidade nos últimos anos apresenta uma crescente expansão urbana, através de novos loteamentos, condomínios horizontais e verticais, que são a maioria. Essa expansão é tão expressiva que no ano de 2005, a edilidade municipal teve a necessidade de ampliar o perímetro urbano através da lei nº 1.581/2005 que revogou a lei Municipal nº 886/88.

Cajazeiras apresenta uma aceleração do processo de verticalização das edificações que é decorrente das novas dinâmicas sócio-espaciais verificadas no atual contexto da (re)produção do espaço urbano desta cidade.

Nos últimos anos, recebeu muitos investimentos da esfera federal que foram utilizados na saúde, na educação e principalmente nas obras de infra-estrutura, como a pavimentação e saneamento de ruas, a revitalização de praças, da área do entorno do açude grande “Leblon”, da Av. Presidente João Pessoa e do Calçadão Tenente Sabino.

Como foi dito anteriormente, a cidade desde a sua gênese foi um centro polarizador pelas funções oferecidas a uma população cada vez mais crescente no seu entorno. A incorporação de novas funcionalidades e a modernização das já existentes amplia o fluxo e o raio de influência. São justamente os setores comercial e de serviços que vêm crescendo nesses últimos anos.

Os serviços, principalmente os educacionais, desde o povoamento do alto sertão paraibano atraem jovens e adultos de uma ampla região, polarizando vários municípios desse Estado como os de outros vizinhos. As escolas da rede privada tinham um público que se deslocava deste Município e de outros do mesmo do Estado (Sousa, Triunfo, S. J. Rio do Peixe, S. J. Piranhas, Uiraúna, outros) e de Estados vizinhos, como o Ceará (Ipaumirim, Baixio e Umari). Contudo, desde a sétima década do século passado, ampliou-se a oferta de vagas nas escolas públicas. As escolas municipais e estaduais atraíram, e atraem ainda mais neste início de século, alunos da zona rural, principalmente.

Neste período a cidade só dispunha dos cursos da UFCG/CFP. Os cursos oferecidos possibilitavam a atração de uma clientela que não proporcionava renda para a cidade, já que assistia às aulas e voltava para sua cidade de origem, diariamente.⁵ Em maio de 1997, Cajazeiras passou a contar com mais um curso superior, a reabertura do curso de licenciatura em filosofia, oferecido pela FAFIC e que passou a atrair estudantes do município e de outros, caracterizando também uma migração pendular, típico das cidades sertanejas que contavam com a difusão do ensino superior.

Este início de século XXI esta sendo marcado por uma maior oferta de cursos superiores. Os novos cursos oferecidos pela UFCG, criada em 2002 em substituição a UFPB,

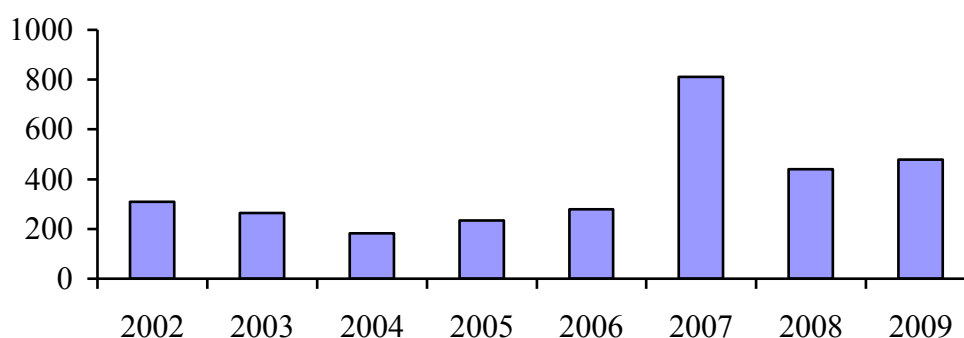
⁵ Trata-se aqui de migração pendular. O público migra diariamente para o núcleo de uma cidade e obter bens ou serviços e retorna para suas localidades de origem.

e pelas novas instituições de ensino superior pública - IFET / Cajazeiras que conta com cursos de graduação, pelas privadas, Faculdade Santa Maria, São Francisco, Evilázio Formiga atualmente incorporada a Santa Maria e outras que ampliaram ainda mais a área de influência regional a partir da oferta de diversos cursos de graduação de várias áreas, atraindo consumidores das cidades circunvizinhas e de vários estados do Nordeste. Foram implantados nesta década cursos superiores no IFET, cursos de Enfermagem e de Medicina na UFCG/CFP e os cursos de Serviço Social e Administração e Direito na FAFIC.

A cidade hoje dispõe de vinte e três cursos superiores que atraem estudantes de regiões mais distantes de Cajazeiras, necessitando fixarem-se na cidade. Essa permanência traz uma maior dinamização à cidade no setor de serviços como supermercados, restaurantes, bares, lojas de material de construção civil, entre outros.

Quando visitamos a Secretaria da Fazenda Pública da Prefeitura Municipal constatamos uma evolução do número de alvarás de funcionamento emitidos pelo setor. Este serviço passou a ser informatizado desde 2002, sendo gerados dados a partir desta data. Mesmo com um curto intervalo de tempo podemos identificar o crescimento do comércio e da prestação de serviços da cidade principalmente no ano de 2007, que passou a ter oitocentos e onze (811) cadastros.

Gráfico - 2.1: Alvará de Funcionamento



Fonte: Secretaria da Fazenda Pública – Departamento de Administração Tributária - (Dados de julho de 2002 a 29 de outubro de 2009).

Os comerciantes estão incorporando cada vez mais os símbolos das grandes cidades, com o objetivo de atrair mais clientes, pois a concorrência aumentou e o perfil do cliente mudou, estando mais exigentes. Os proprietários estão investindo nos seus estabelecimentos comerciais optando pela estética em que o vidro é predominante e no acabamento estão

utilizando material de maior qualidade. O conforto para os clientes também é levado em consideração visto que o clima local é quente, com isso é comum encontrarmos ambientes climatizados.

Com esse crescimento da população atraída pelo consumo do serviço de educação superior, os diversos sujeitos produtores do espaço, principalmente do setor imobiliário perceberam que o mercado está propício a investimentos na construção civil. Esta é uma atividade industrial e comercial que, visivelmente, mais cresce na cidade. É notório que a opção das novas construções é pela verticalização e pela imagem estética nas fachadas das edificações.

A construção civil é o setor que mais cresce e beneficia-se das novas dinâmicas sócio-espaciais da (re)produção do espaço urbano de Cajazeiras, principalmente em razão do aquecimento do mercado imobiliário. É registrado um aumento de profissionais filiados ao Conselho Regional de Engenharia e Arquitetura (CREA), como: engenheiros, arquitetos e técnicos de edificações. Estes últimos, até pouco tempo, sentiam dificuldades de estágios para a conclusão de curso técnico no IFET pela carência de construções na cidade. Hoje a realidade é diferente, existe um mercado para estes profissionais. É identificado ainda o aumento de empresas neste ramo.

Cajazeiras abriga, atualmente, grande número de empresas relacionadas à construção civil, cadastradas no setor competente da prefeitura. No momento da nossa visita, os funcionários perceberam que estavam cadastrando as empresas em grupos sem respeitar sua atividade, assim impossibilitando fornecer relatórios individuais. Podemos verificar as modalidades comerciais e de serviços relacionadas às edificações na TABELA (2.1) abaixo:

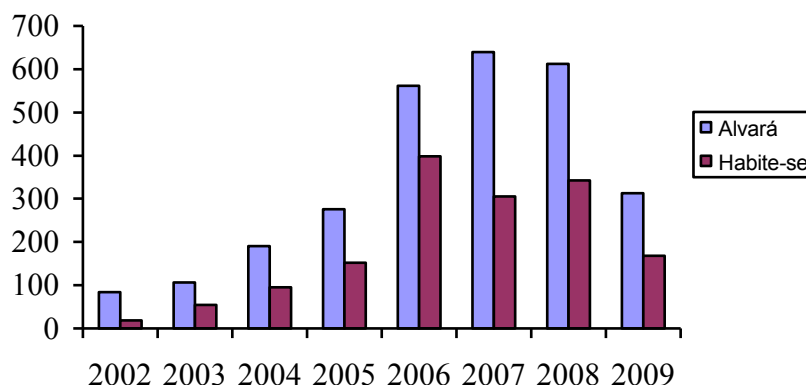
Tabela 2.1: Total de Alvará de Funcionamento Relacionado com a Construção Civil.

Atividade	Número de Contribuintes
Material de construção, madeiras e de pedras	29
Ferragens, materiais elétricos e hidráulicos	03
Construção civil e atividades afins	39
TOTAL DE CONTRIBUINTES	71

Fonte: Departamento de Administração Tributária da Prefeitura de Cajazeiras – outubro de 2009.

Outro dado importante para esse estudo é a quantidade de Alvará de Construção e de Habite-se emitidos nos últimos anos, como podemos observar no gráfico 2.2 abaixo:

Gráfico 2.2: Total de Alvará de Construção e Habite-se



Fonte: Secretaria de Planejamento de Cajazeiras- SEPLAN – outubro de 2009

A verticalização da cidade não se dá pela escassez de espaço já que o perímetro urbano ainda oferece áreas a serem construídas. Porém verificamos que alguns bairros concentram a verticalização, e estes são os que apresentam melhores condições de infra-estrutura e melhor localização. Os edifícios concentram-se nos bairros do Centro, Jardim Adalgisa, Jardim Oásis e Primavera, os mais nobres da cidade.

O centro é a área mais verticalizada e ainda a mais visada, pois o metro quadrado apresenta o valor mais alto. Além da saturação do bairro com relação à infra-estrutura que não comporta a demanda, parte das edificações estão incluídas no Patrimônio Histórico da cidade e não podem ser demolidas. São fatores que limitam as novas construções na área central e por isso, verifica-se forte especulação imobiliária e consequentemente, valorização do espaço urbano.

A paisagem da cidade apresenta mudanças, hoje é comum encontrarmos edifícios a partir de quatro (4) pavimentos em alguns bairros da cidade que nos remete a pensar que a população de Cajazeiras está aderindo a uma nova forma de morar.

No momento em que mapeamos a cidade a fim de visualizar e representar a paisagem local, observando, sobretudo, as áreas verticalizadas, identificamos vários prédios construídos e muitos outros em fase de construção. Como é demonstrado no quadro 2.1 e plotados no mapa da cidade de Cajazeiras (anexo 1).

Quadro 2.1: Edifícios por número de pavimentos

Edificação	Quantidade de edifícios por número de pavimentos
Edifício com quatro pavimentos incluindo o térreo	22
Edifício com quatro pavimentos mais o térreo sem elevador	02
Edifício com quatro pavimentos mais o térreo com elevador	01
Edifício com doze pavimentos incluindo o térreo	01

Parte dos edifícios da cidade apresenta características semelhantes às primeiras construções verticalizadas do século passado. Isso é percebido, quando o proprietário destina o térreo para uso comercial e os pavimentos superiores para uso residencial. Com isso, é impossibilitada a construção de garagens. Podemos citar algumas construções que apresentam esse perfil, como: a Martiliane, loja de roupas de luxo da cidade foto 2.25 e Supermercado Palmeiras na foto 2.26.



Foto 2.25 - Edifício que funciona a loja Martiliane.- Foto: Leidjânia Dantas de Abreu, out., 2009.



Foto 2.26 - Edifício que funcionara no térreo o Supermercado Palmeiras. - Foto: Leidjânia Dantas de Abreu out 2009

Observamos ainda que nos edifícios construídos nas ruas mais centrais da cidade, a exemplo da rua Juvêncio Carneiro e calçada Tenente Sabino, não há preocupação com o estacionamento e o térreo é ocupado com loja ou escritórios. Outro problema é que essas ruas são estreitas e apresentam grande fluxo de veículos, por estarem inseridas no centro comercial de Cajazeiras. Visualizar fotos 2.27 e 2.28.



Foto 2.27 - **Edifício Situado a rua Juvêncio Carneiro.**- Foto: Leidjânia Dantas de Abreu, out., 2009.



Foto 2.28 - **Edifício Situado Calçada Tenente Sabino.** - Foto: Leidjânia Dantas de Abreu, out., 2009

O prédio da CERVAP apresenta verticalização máxima permitida sem elevador, não apresenta recuos laterais e de fundo. A taxa de ocupação é elevada e os donos preocuparam-se em definir algumas vagas para estacionamento de seus clientes, mesmo sendo localizado no centro da cidade. Ver foto 2.29.



Foto 2.29 - **Edifício da CERVAP.**- O pavimento térreo é reservado para estabelecimento comercial. Foto: Leidjânia Dantas de Abreu, out., 2009.

Observamos também que há muitos edifícios construídos em espaços pequenos, sem recuos, isso nos leva a concluir que a necessidade de verticalizar está se massificando, levando as pessoas a construir em qualquer lugar, independente das condições espaciais. Em visitas a alguns edifícios verificamos que há pequena ou nenhuma área livre, até as escadas dificultam a passagem de móveis, os apartamentos são cada vez menores. Exemplo disso é a Mortuária São Vicente de Paula.



Foto 2.30 - **Edifício da Mortuária São Vicente de Paula.**- Prédio situado à direita. Foto: Leidjânia Dantas de Abreu, out., 2009.

É comum encontrarmos edifícios revestidos com pastilhas de cerâmica que deixam as fachadas mais bonitas, com portas e janelas na maioria de vidro. Hoje é mais difícil visualizar esquadrias de madeira nas novas construções verticais. Contudo, o vidro em todas as janelas leva o inquilino a utilizar uma proteção, seja cortinas e/ou persianas para terem privacidade e não serem incomodados com o excesso de claridade, já que na nossa região é bem expressiva. Ver foto 2.31.



Foto 2.31 - **Edifício revestido.**- O prédio situado na rua da feira livre da cidade.. Foto: Leidjânia Dantas, outubro, 2009

Dois edifícios apresentam uma verticalização inspirada nas construções da capital paraibana. Ambos são para uso habitacional. O térreo é parcialmente utilizado para alguns apartamentos. O primeiro possui elevador. Apresentam uma arquitetura que, visando baixo custo e são destinados para aluguel. Ambos tem preocupação com o estacionamento e estão situados em bairros nobres da cidade, Jardim Adalgisa foto 2.32 e Jardim Oásis. Foto 2.33.



Foto 2.32 – **Edifício com elevador.** - Primeiro edifício com apartamentos a usar elevador. Foto: Leidjânia Dantas de Abreu, out., 2009.



Foto 2.33 - **Edifício situado próximo ao INFET.**- Foto: Leidjânia Dantas de Abreu, out. de 2009.

Observarmos também um edifício sem revestimento externo. Apresenta traços retos e cores singelas. Também oferece vagas para o estacionamento, mas sem cobertura. Ver foto 2.34.



Foto 2.34 - **Edifício situado no bairro Jardim Oásis.** - Foto: Leidjânia Dantas de Abreu, out. , 2009.

Os comerciantes também optaram por verticalizar seus imóveis para ganhar mais espaço na acomodação dos seus produtos e conforto para seus clientes. Também usaram vidros, substituindo parte das paredes para melhor exposição dos produtos para quem passa na rua. Ver fotos 2.35 e 2.36.



Foto 2.35 - **Edifício da Decorart.**- Situado no Calçadão T. Sabino. Foto: Leidjânia Dantas de Abreu, out., 2009.



Foto 2.36 - **Edifício Dada Bijuterias.**- Situado na Av. Presidente João Pessoa. Foto: Leidjânia Dantas de Abreu, out., 2009.

Um edifício, em especial, apresenta um diferencial. Tem uma área coletiva na entrada (recepção) que por sinal é muito agradável e confortável, uma área de laser na cobertura, que pode ser usada para festas. Possui vigilância, contribuindo para segurança dos inquilinos. No entanto, há poucas vagas no estacionamento e não são cobertas. Ver fotos 2.37 e 2.38.



Foto 237 - **Edifício Pedro Abrantes. Fachada.**- Foto: Leidjânia Dantas de Abreu, out., 2009.



Foto 2.38 - **Hall, recepção.**- Ambiente bonito e agradável.
Foto: Luciana Araújo Medeiros, nov., 2009.

Um dos edifícios recentes, teve sua construção acompanhada por arquiteto e engenheiro. É uma verticalização que provavelmente segue aos padrões exigidos para obras verticalizadas, principalmente por definir um terreno em que a frente mede 16,00m com recuos lateral e frontal regulares. É totalmente revestido e disponibiliza, parcialmente, vagas para estacionamento. Os apartamentos são destinados à locação e localiza-se em área extremamente valorizada, o centro da cidade em frente à área onde ocorrem as festas juninas da cidade. Ver foto: 2.39.



Foto 2.39 – **Edifício com fachada diferenciada.** Situado à rua Libio Brasileiro. Foto: Leidjânia Dantas de Abreu, out., 2009.

Encontra-se em construção um edifício com doze pavimentos que é visualizado em várias partes da cidade é considerado o símbolo da verticalização pelos citianos. Terá dois apartamentos por andar, salão para ginástica, festas, e piscina coletiva. Ver foto: 2.40.



Foto 2.40 - **Edifício com doze pavimentos.**- Situado no Bairro Santa Cecília. Foto: Leidjânia Dantas de Abreu, out., 2009.

A verticalização é um dos motivos para a disputa entre os investidores que pensam construções novas, o poder público e a sociedade em geral que pensam em preservar as velhas edificações. Assim, consubstancia-se, nesse nosso início de século em Cajazeiras, a luta por espaços, a disputa pela manutenção do antigo e a construção do novo. Este último proporciona a dissolução da memória urbana, com a destruição dos símbolos históricos. Nos projetos urbanísticos contemporâneos a preservação do patrimônio histórico local é essencial, pois a cidade é ser vista como expressão da ação humana acumulada ao longo do tempo, produto de várias temporalidades das relações sociais, econômicas e políticas locais e regionais. O centro da cidade está repleto de objetos construídos, os fixos, ou senão, as rugosidades que retrata SANTOS (1990). Rugosidades estas que permitem reconstruir as diferentes temporalidades vivenciadas por novos e velhos cidadãos. (LÖWEN SAHR, 2000).

É notório que os cidadãos cajazeirenses convivem com a nova paisagem urbana, que tende a se hegemonizar e que começou a se configurar a partir deste século, e com uma paisagem do passado, pela manutenção das antigas construções. Estamos vivenciando, como

já ressaltado, uma fase de conflitos. Conflitos estes que culminam, algumas vezes, com a vitória do novo sobre o velho. São antigos prédios demolidos para oferecer espaços para novas edificações. A prefeitura não realiza uma fiscalização eficiente para conservar o patrimônio histórico da cidade. Está se tornando comum, os proprietários demolirem a fachada, e só depois, a prefeitura, através da SEPLAN, se manifesta sobre esta ação.

Percebemos também que os proprietários e construtores não estão preparados para esta forma de moradia devido às construções amadoras, que não levam em consideração muitas vezes o conforto, a segurança, a privacidade e o acabamento. Também é observado que a maioria é quem administra o imóvel e não se dão conta dos problemas que surgem no dia-a-dia dos inquilinos.

3 AS MULTILEITURAS DA VERTICALIZAÇÃO EM CAJAZEIRAS: A Interpretação Semiótica.

Para a realização deste capítulo estabelecemos alguns procedimentos para selecionar as fontes necessárias para análise das diferentes leituras sobre a verticalização em Cajazeiras. As informações obtidas foram coletadas a partir da aplicação de questionários à alguns sujeitos que participam diretamente da construção do espaço¹ urbano de Cajazeiras, como: agentes públicos, arquitetos, construtores, agentes imobiliários, comerciantes, moradores de ambientes verticais e horizontais.

Nossa análise parte do entendimento de que a “percepção urbana é uma prática cultural que concretiza certa compreensão da cidade e [que] se apóia, de um lado, no uso urbano e, de outro, na imagem física da cidade, [...]”. (FERRARA, 1988, p.03). A percepção da paisagem urbana que nos interessa nesta parte deste trabalho é a dos usuários da cidade, fruto das experiências vividas pelos cidadãos uma vez que são moradores e vivem o cotidiano e o constroem.

Queremos, na realidade, a partir de certas questões lançadas a esses sujeitos, buscar decodificar o urbano desse início de século que contem novos sujeitos, novas práticas e novas dinâmicas sócio-espaciais. Por sua vez, é relevante nesse momento desvendar o signo, a simbologia dos espaços urbanos do nosso cotidiano. Para isso, torna-se necessário reconhecer a sintaxe dos objetos fixos.

A cidade de Cajazeiras do nosso século é uma mistura do passado com o presente, não só dos objetos fixos, mas também dos fluxos e das relações. São práticas que resistem às imposições do presente. São as feiras livres em que os feirantes expõem seus produtos nas calçadas e concorrem com as lojas verticalizadas que exibem os seus importados. São consumidores, produtores rurais e trabalhadores camponeses que ainda consomem produtos diversos nas bagaceiras e outros em lojas climatizadas, com iluminação feérica, utilização de vitrines com disposição bem definida dos produtos. Essa é uma tentativa simplista de

¹ Por construção do espaço entendemos que são “[...] práticas e estruturas sociais que através dos processos de produção gera objetos-produto que, por sua natureza diversificada, permitem distinguir modalidades de realização desses processos” (BARRIOS, 1986:01). BARRIOS, Sonia. A produção do Espaço. In.: SOUSA, Maria Adélia A. de & SANTOS, Milton. **A Construção do Espaço** – São Paulo: Nobel, 1986.

decodificação da convivência do velho com o novo. O ritmo urbano é mais veloz, é efêmero. Vemos nitidamente a supressão do velho pelo novo.

Apreender o significado do novo é nosso maior desafio, ou seja, compreender a reconhecer a sintaxe, que segundo FERRARA (1988), consiste também no reconhecimento “[...] do modo de formar que o [significado] identifica, das faixas de linguagem que se combinam na sua constituição, da possibilidade de romper aquela homogeneidade a fim de projetar elementos da predicação, de qualificação”. (FERRARA, 1988, p. 03). A verticalização nesta cidade significa a quebra da homogeneidade e, além disso, é um elemento de predicação, dando outras qualificações para o construído, para a leitura da nova paisagem urbana que se forma.

Neste capítulo, não importa o objeto visto pelo pesquisador, mas visto pelos cidadãos. Assim, perseguimos a percepção urbana como aquela capacidade de gerar informações sobre os diversos recortes da paisagem, produzidas pelos mais diversos usuários do espaço urbano. A leitura desse espaço coloca-se como fundamental neste estudo semiótico do processo da verticalização, pois cruzamos as informações de diferentes sujeitos com experiências vividas próprias e com papéis diferenciados no cotidiano da cidade.

Expomos a seguir as diferentes leituras sobre a verticalização em Cajazeiras a partir das informações obtidas dos sujeitos selecionados nesta pesquisa.

Ao aplicamos o questionário com o Secretário de Planejamento da Prefeitura Municipal de Cajazeiras e que afirmou perceber o processo de verticalização, mas que a cidade não apresenta infra-estrutura para o atual contexto de expansão urbana, tanto horizontal como vertical. Um dos fatores que concorrem para isso é a ausência de políticas públicas voltadas para dotar a maioria dos bairros de saneamento básico. Concluiu que, em grande parte da cidade há carência de saneamento básico. O bairro que apresenta as melhores condições sanitárias é o centro. Um outro fator comentado foi a desatualização da legislação vigente que não comporta as mudanças verificadas do espaço urbano de Cajazeiras. Expôs como exemplo, o código de obras e o Plano Diretor do Município, datados de 1979, que não mais dão conta para a atual realidade do espaço urbano. O secretário nos informou que a Prefeitura está se adequando às mudanças necessárias ao Plano Diretor.

O informante seguinte foi o gerente da Caixa Econômica que também percebe o processo de verticalização em Cajazeiras. Afirmou que a demanda existente na Caixa

Econômica para aquisição de imóveis é predominante para os horizontais e de preferência os de uso residencial. A procura e a oferta por imóveis verticais são ainda pequenas e quando existem, esbarram na burocracia, pois os cartórios não estão preparados para esse tipo de serviço.

Aplicamos um questionário para dois comerciantes que investiram na verticalização de seus imóveis. Afirmaram que recorreram para ampliação vertical do espaço físico em virtude de uma problemática, a pequena área para exposição das mercadorias. Ressaltaram que o espaço original já não comportava mais a demanda crescente e optaram também por diversificar os produtos para melhor atender sua clientela. Os informantes afirmaram que as obras foram realizadas com recursos próprios. Um deles informou que pretende ampliar ainda mais seu imóvel. Os dois concordaram que os clientes aprovaram as reformas e ambos percebem um processo de verticalização em Cajazeiras.

No que se refere ao setor de engenharia, aplicamos um questionário ao Eng^o Crispim Sesinando COELHO NETO, Engenheiro Civil e construtor. Este nos afirmou que passou a construir edificações verticais por conta da valorização dos terrenos na área urbana de Cajazeiras. Informou ainda que os imóveis são exclusivamente para locação e que administra suas próprias edificações.

O senhor José Gonçalves ROLIM, conhecido como “Dedeção” é considerado um pioneiro no setor imobiliário e tem vinte e seis (26) anos de dedicação a este setor. Ele afirmou que ingressou no ramo por perceber, na época, a carência da prestação deste serviço na cidade. Nos últimos anos começou a atuar também no ramo da construção civil.

Quando foi questionado sobre o perfil econômico dos locatários disse que verificou um aumento do poder aquisitivo, devido aos investimentos no setor educacional. Afirmou também que a demanda é maior por imóveis horizontais devido à comodidade. Informou que percebe o processo de verticalização na cidade e atribuiu principalmente à expansão do ensino superior em Cajazeiras. Disse que “com o aumento de alunos à procura dos novos cursos implantados nas universidades de Cajazeiras - PB, criou-se à necessidade de verticalizar, até por uma questão de segurança, principalmente por serem os alunos de outras cidades”.

Complementar a essa ampliação do ensino superior, afirmou ter observado uma migração de moradores de edificação horizontal para vertical, mas o que predomina ainda em Cajazeiras é a ocupação de inquilinos oriundos de outras cidades, à procura de edificações

verticalizadas. Sobre esse aspecto considerou que “poucos moradores migraram das edificações horizontais para as verticais, pois a maioria dos moradores das edificações verticais são alunos e professores vindos de outras cidades, até de outros Estados”.

Concordou que o setor imobiliário em Cajazeiras encontra-se aquecido no atual momento. Porém ressaltar que a demanda está tendendo a se estabilizar enquanto a oferta pode aumentar com as novas construções. Acrescenta:

[...] mas é preciso ter muito cuidado, pois, hoje já encontramos vários imóveis disponíveis para locação, devido à estabilidade que já começa a ocorrer, pois alguns cursos que foram implantados primeiro, já estão liberando turmas de formandos, isto é, se entram duas turmas por ano, também vão sair duas turmas de formandos (ROLIM, 2009).

Cabe aqui uma observação, como verificamos no capítulo anterior, principalmente na parte dedicada a Cajazeiras do presente, consideramos que na cidade são incorporadas as imagens, pois como afirma CARLOS (1992) “[...] o mundo dos homens passa a ser o mundo das coisas” (CARLOS, 1992, p. 20). Queremos afirmar com isso que estamos cada vez mais consumindo objetos pela sua visibilidade, como um produto de imagens. A cada dia o homem passa a querer individualizar-se na sociedade capitalista contemporânea, sendo avaliado por sua capacidade de ter coisas, como afirma CARLOS (1992). Os construtores perceberam que essa individualização é um elemento circunstancial para definição do padrão de construção das edificações. Assim, a estética, a localização, o conforto, a segurança são itens relevantes no momento em que se planeja construir para atender certa parcela de consumidores. No entanto, consideramos que a classe estudantil tem um perfil sócio-econômico diferenciado, pois acreditamos que existem aqueles que vão consumir esses produtos não se importando com o preço, mas com sua qualidade de vida, e outros que podem pagar por esses itens, mas buscam racionalizar os custos. Esse é um fator preponderante no estabelecimento da concorrência entre os construtores. Uns apelam para edificações mais sofisticadas e outros para construções de baixo custo, sem apelo para representação das imagens do objeto construído.

ROLIM destacou que os construtores não repassam os edifícios para serem administrados pelas imobiliárias. Segundo o mesmo,

[...] de princípio não, porque **neste momento** a procura está maior do que a oferta e que as pessoas não têm ainda um conhecimento mais minucioso sobre esta prestação de serviço. Porém, quando estiver sobrando imóveis para locação, com certeza os construtores ou proprietários de imóveis vão

procurar os profissionais deste setor para prestarem esta modalidade de serviço (ROLIM, 2009, grifo nosso).

Informou que ingressou no ramo da construção civil devido à necessidade de dispor de mais imóveis para locação e ampliar seus investimentos financeiros. Afirmou que está construindo, na sua maioria, imóveis verticais e está realizando reformas nos horizontais. As edificações construídas são basicamente para locação, com exceção de um edifício que se encontra em construção e que foge aos padrões das demais edificações da cidade, ou seja, com no máximo cinco (5) andares, incluindo o térreo. Sua construção consiste em um desafio de ultrapassar o obstáculo da verticalização. No momento há estudos de outra construção deste porte para o mês de janeiro de 2010. Esse construtor e corretor de imóveis está no momento envolvido com a construção de um edifício com doze (12) andares. Durante a aplicação de nosso questionário para diversos informantes, parte significativa destes afirmaram que este prédio é o maior símbolo da verticalização de Cajazeiras, por causar um impacto na paisagem urbana da cidade.

O segundo informante, o agente imobiliário Tales ANDRADE que também atua como Advogado e corretor de imóveis. Informou que ingressou neste ramo aqui por desejar prestar um serviço de qualidade para a cidade de Cajazeiras, sua terra natal.

ANDRADE expressou a mesma opinião que ROLIM sobre a mudança no perfil dos inquilinos, que são estudantes de outras localidades, deslocando-se para Cajazeiras a fim de estudar. Considerou para isso a criação de novos cursos e novas universidades. Afirmou que perceber também o processo de verticalização da cidade e vê o crescimento do setor educacional como um fator que mais contribuiu para esse processo.

No entanto, afirmou que a demanda por imóveis verticais e horizontais é equivalente e vem observando uma mobilidade de moradores de edificação horizontal para vertical, principalmente, de casais jovens e o que predomina ainda são inquilinos de outras cidades. Demonstrou que a demanda maior é de imóveis para locação.

Disse que o setor imobiliário em Cajazeiras encontra-se aquecido, mas atribui esse aquecimento à informalidade dos “corretores” (pessoas sem qualificação) que supervalorizam os imóveis para ter uma maior comissão. Assegura, no seu depoimento, que os construtores apresentam uma resistência em repassar os imóveis para as imobiliárias.

Verificamos nessas leituras sobre a verticalização uma caracterização do espaço urbano, como texto não-verbal, repleto de signos. Não se trata apenas de modernizar, colocar a cidade nos padrões das grandes cidades metropolitanas, mas uma perfeita concorrência para capturar consumidores de imagens e de objetos do desejo. E nisso, apelam para caracterizar a cidade vertical em substituição à horizontal. Esse marcará o ritmo das novas construções nesta cidade e que se intensificou recentemente.

Outro informante foi o arquiteto e ex Secretário de Planejamento Sílton Henrique NASCIMENTO, que atuou na gestão do primeiro mandato do prefeito Carlos Antônio, em 2001. Informou que trabalha no ramo há quatorze (14) anos. Percebeu que nos últimos anos houve uma mudança no perfil de seus clientes, que está associada às transformações ocorridas no Brasil, com as facilidades de crédito, através dos sistemas financeiros bancários. Os clientes também estão mais exigentes, pois querem usufruir de um bem de qualidade. Hoje, a clientela procura um arquiteto por dois motivos: primeiro, visa *status* através de uma obra diferenciada; segundo, busca o conforto e uma obra segura, já que fazem um investimento alto. Os clientes são diferentes, uns apresentam renda elevada enquanto que outros têm renda inferior.

Para NASCIMENTO, o profissional da arquitetura também teve que se adaptar às mudanças em relação às exigências dos clientes, já que a forma de morar e os espaços estão diminuindo com a construção de apartamentos menores. A residência está sendo utilizada também como local para receber amigos, pois os espaços de lazer, que cada vez mais aumentam na cidade, não proporcionam segurança aos usuários.

Comentou que na arquitetura contemporânea há uma opção por uma planta com ambientes livres, como por exemplo, a cozinha com visão para a sala, para facilitar a conversa com amigos, enquanto prepara os alimentos. Citou também a não utilização da dispensa nas novas construções, pois devido à inexistência da inflação, não há a necessidade de armazenar alimentos. A especulação imobiliária também influencia nessas mudanças, pois os terrenos estão muito caros. É notado que a verticalização de Cajazeiras está concentrada nos lotes mais nobres.

O arquiteto percebeu o processo de verticalização na cidade e observou que a demanda é maior por imóveis verticais, atribuindo a expansão por conta da ampliação da oferta do ensino superior em Cajazeiras, considerando como uma das responsáveis por esse processo.

Porém, a maior parte das construções foi executada sem o devido planejamento do uso dos espaços, pois os construtores não pensaram em longo prazo. No momento em que surgem novas necessidades de expansão dos negócios ou dos serviços, os proprietários vêem a necessidade de verticalizar seus imóveis.

Verificamos que as pessoas que investem na construção de imóveis na cidade preferem verticalizar para ter mais lucro. Observamos também que a demanda por edificações de primeiro andar para função residencial é superior, por favorecer a ventilação, a segurança como também possibilitar a diminuição da base da obra, assim sobrando mais terreno que podem ser aproveitados como áreas de lazer. A chegada de novos estudantes e professores decorrentes da criação de novos cursos levam os empresários a explorarem o mercado imobiliário, principalmente para locação².

Para NASCIMENTO está ocorrendo uma tendência “em fase de gestação” de uma migração de moradores de edificação horizontal para vertical. Esses casos ocorrem principalmente com sujeitos que possuem uma casa grande, e a família vai se dispersando. Hoje, preferem vender ou demolir o imóvel para construir edifícios e morar na cobertura. Porém, advertiu que as pessoas que residem no interior dos estados ainda preferem morar em residências térreas.

Observou que os investimentos no setor da construção civil em Cajazeiras, no atual contexto, acham-se aquecidos. Contudo, a cidade não apresenta infra-estrutura para verticalização, e um exemplo disso é a tubulação de esgoto e de abastecimento de água que foram projetadas apenas para uso residencial. O poder público municipal não demonstra, através da legislação, preocupações com os impactos decorrentes da construção de edifícios. Isso é evidenciado no Plano Diretor elaborado na década de 70 e no Código de Postura. Concluiu que existe a carência de infra-estrutura na cidade para receber a verticalização.

Afirma que o poder público local já começa a se preocupar com questões relacionadas ao estacionamento, porém ainda há a necessidade de determinar a taxa de ocupação e o índice de aproveitamento, itens relacionados à verticalização.

² A exploração do mercado imobiliário para locação também é constatado nos depoimentos de outros atores sociais do universo pesquisado, pois na sua grande maioria afirma que a verticalização local é para fins de locação.

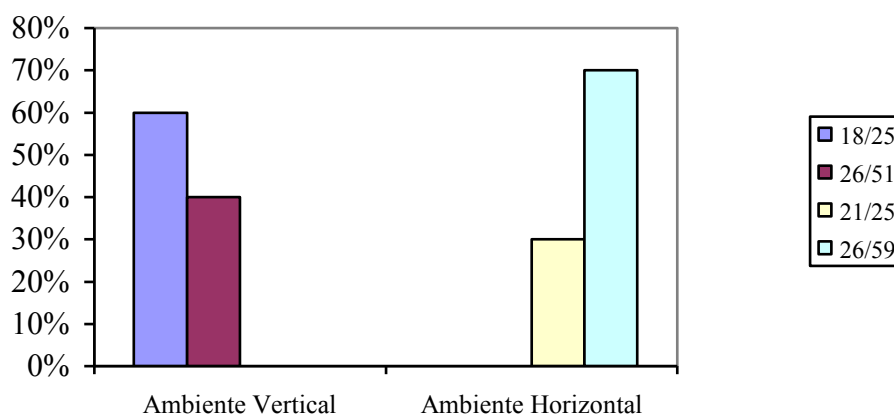
O arquiteto constatou que há a predominância de formas retangulares e quadradas. As cores em tons claros como branco, verde, cinza e o amarelo são mais comuns. Acrescenta que a construção em série, tende a reduzir e limitar a forma, buscando evidenciar mais as linhas retas. As curvas hoje são pouco usadas por demandar mais tempo e onerar mais o valor da obra. Com relação às cores é comum encontrar edifícios com fachadas revestidas com cerâmica de cor clara por serem mais baratas. As cores fortes, como o vermelho, dificilmente são usadas, pois são mais caras. Assim não há um padrão de cor e sim de moda e quem indica a forma é o cliente.

Identificou também o uso indiscriminado do vidro, usado em portas e janelas sem que haja uma proteção para diminuir a ação dos raios solares, proporcionando um ambiente quente e com excesso de claridade. Por fim, afirmou também que a verticalização está associada à racionalização de gastos.

No que se refere aos resultados da análise dos dados obtidos com os sujeitos moradores de ambientes verticais e horizontais, podemos afirmar que estes percebem o processo de verticalização na cidade de Cajazeiras. É interessante destacar que o perfil social dos informantes pode influenciar na percepção sobre esse processo. Passamos a demonstrar isso, na representação gráfica, a seguir.

O gráfico 3.1 apresenta a faixa etária dos sujeitos moradores de ambientes vertical e horizontal. Verificamos que os moradores de ambientes verticais com idade que compreende 18 a 25 anos, perfazem o total de 60%, sendo superior aos de 26 a 51 anos, que apresenta um índice de 40%. Esse dado nos remete a concluir que a população na faixa etária que corresponde à idade escolar está mais presente nesses ambientes. Quando aplicamos o questionário aos sujeitos que residem em ambiente horizontal queríamos saber se a idade influenciaria na percepção da população.

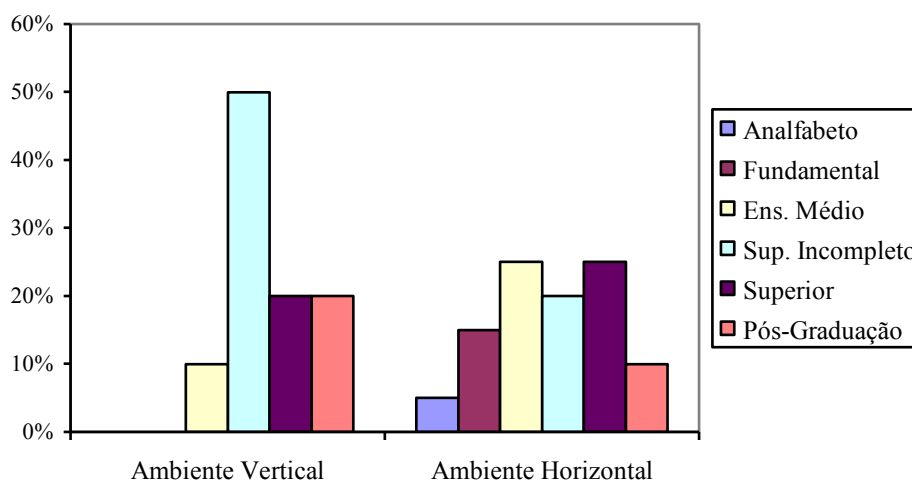
Gráfico - 3.1: Moradores de Ambiente Vertical e Horizontal



Fonte: Pesquisa direta do autor, 2009.

O gráfico 3.2 abaixo ressalta os moradores que vivem em ambientes verticalizados ou horizontalizados, segundo o nível de escolaridade. Esses dados são relevantes por revelar o perfil dos moradores de ambientes verticalizados na cidade de Cajazeiras e nos ambientes horizontais pode indicar leituras diferenciadas sobre a percepção da verticalização.

Gráfico - 3.2: Moradores de Ambiente Vertical e Horizontal por Nível de Escolaridade



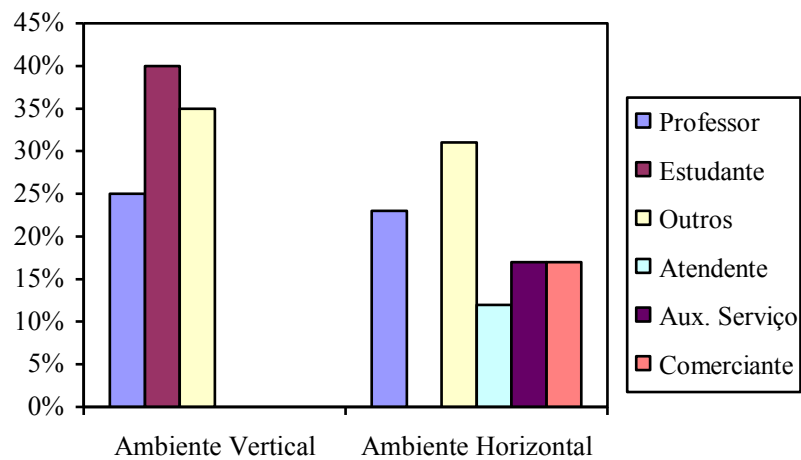
Fonte: Pesquisa direta do autor, 2009.

Este gráfico reforça o nosso pressuposto que foram os universitários oriundos de outras localidades que contribuíram para a verticalização da cidade. É expressivo o número de sujeitos que cursam o ensino superior, apresentando o índice de 50% da nossa amostragem. Os níveis de escolaridade de sujeitos com curso superior e com pós-graduação também nos

leva a esta conclusão, já que a cidade também abriu espaço para profissionais qualificados. Os moradores de ambiente horizontal, no total de vinte (20), 25% dos informantes possui curso superior e médio.

O gráfico 3.3 refere-se à profissão exercida pelos informantes e também nos auxilia na interpretação de como estes percebem a verticalização na cidade. Classificamos da seguinte forma, a partir dos resultados dos questionários aplicados: a) Profissão e; b) Estudante.

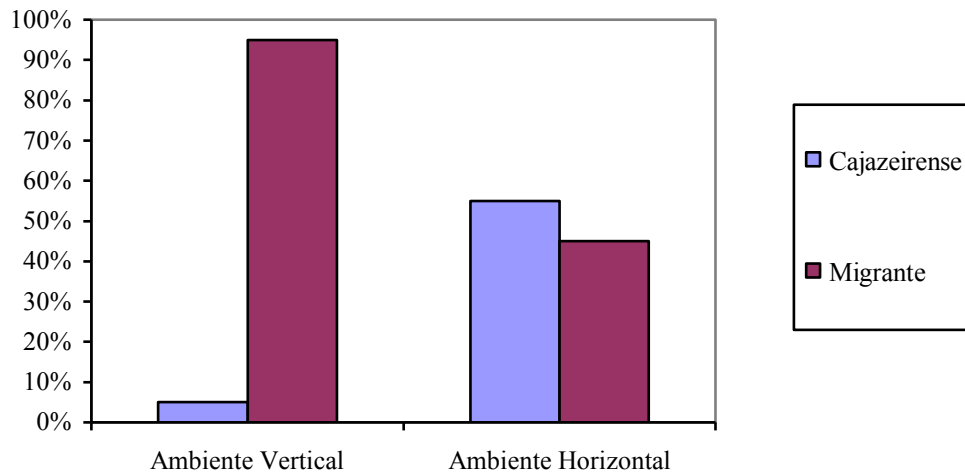
Gráfico - 3. 3: Moradores de Ambiente Vertical e Horizontal por Profissão



Fonte: Pesquisa direta do autor, 2009.

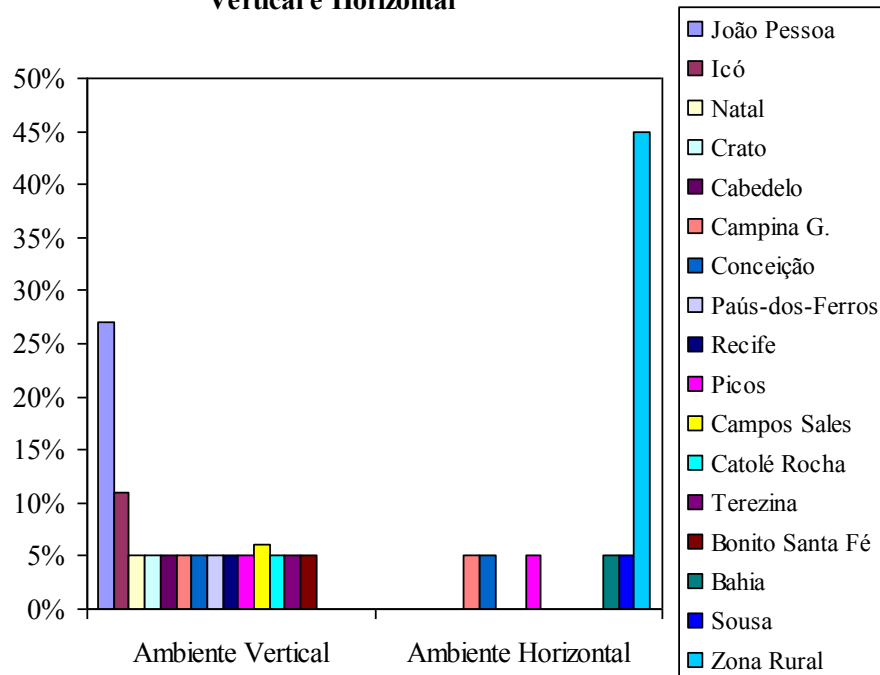
Aqui os sujeitos que estudam representam 40% da amostragem, 35% são outras profissões que, por apresentarem uma pequena quantidade, foram colocadas numa mesma categoria. 25% corresponde a profissão de professor. Para os moradores de ambientes horizontais, as profissões de professor correspondem a 23% e a de comerciante a 17%.

O gráfico 3.4 faz referência à origem do sujeito. Buscamos saber se são cajazeirense ou migrante e se que vivem em ambientes verticais. Nesse gráfico podemos observar que 95% dos moradores dos ambientes verticais da cidade são de outras localidades e preferiram morar em edifícios.

Gráfico - 3.4: Moradores de Ambiente Vertical e Horizontal

Fonte: Pesquisa direta do autor, 2009.

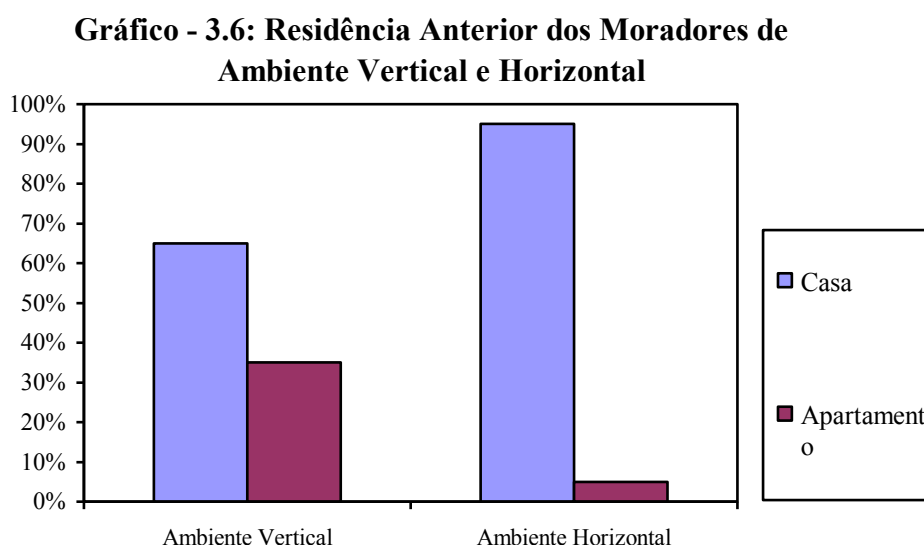
Ainda com relação à origem do sujeito, sobretudo os migrantes, o gráfico 3.5 nos permite verificar que seus espaços de vivências anteriores influenciam na percepção dos espaços urbanos. Daí a importância da percepção do sujeito na análise dos dados.

Gráfico - 3.5: Origem dos Moradores de Ambiente Vertical e Horizontal

Fonte: Pesquisa direta do autor, 2009.

Identificamos as principais cidades de origem dos informantes dos ambientes verticais. Os resultados apontam que em primeiro lugar encontra-se João Pessoa, com 27%. O segundo é a cidade de Icó – Ce, com 11%. Esses dados reforçam o pressuposto de que a população vertical é de maioria migrante. Já os que são moradores de ambiente horizontal a origem é expressiva da zona rural, com 45%.

No que se refere ao tipo de residência que os informantes tinham antes de morarem em ambientes verticais, podemos constatar, no gráfico 3.6, situado abaixo.

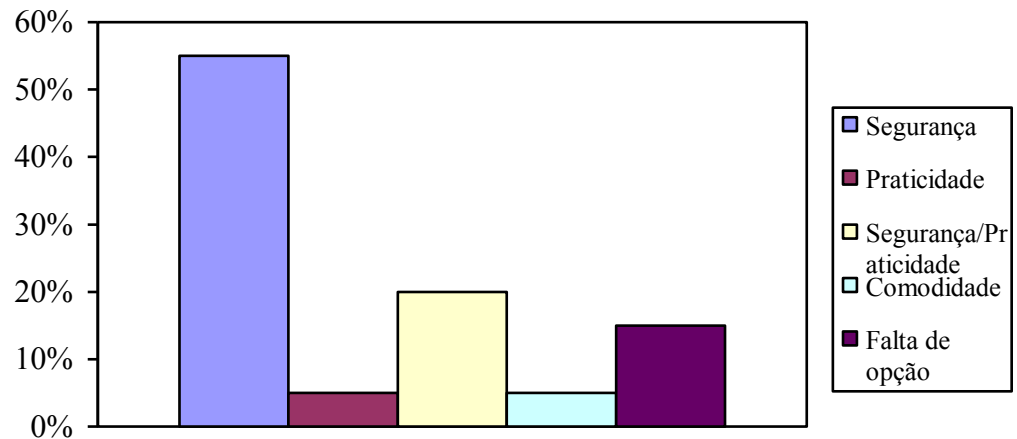


Fonte: Pesquisa direta do autor, 2009.

Pode-se constatar que houve uma migração externa de sujeitos que moravam em residência horizontal para vertical, com um percentual de 65%. A partir desse resultado, verificamos uma mobilidade mais significativa do que a apresentada pelos agentes imobiliários ao apontarem que a migração interna de ambientes horizontal para vertical é inexpressiva. Os sujeitos que responderam ao questionário referente à população de ambiente horizontal, quase que de forma total, afirmam que preferem morar em residência horizontal com índice de 95%.

Para buscarmos apreender a realidade que caracteriza o apartamento como padrão de moradia em Cajazeiras, questionamos os moradores de ambientes verticais em relação a alguns aspectos qualitativos, que podem ser observados no gráfico 3.7.

Gráfico - 3.7: Motivo que Levou o Sujeito a Morar em Apartamento

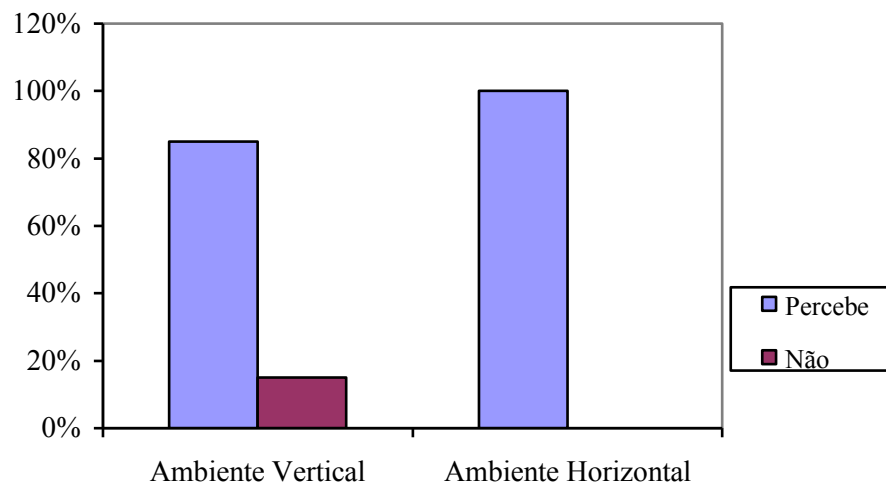


Fonte: Pesquisa direta do autor, 2009.

De acordo com os dados do gráfico, o motivo segurança é o principal destacado pelos moradores na sua escolha para residir em edifícios. Estes perfazem um total de 55%. Os informantes associaram mais de um motivo para sua escolha. Os que associam segurança com a praticidade, são 20%. Apenas 5% dos informantes associaram a praticidade e com a comodidade. Já 15% dos informantes optaram pela escolha por falta de opção de imóveis para locação na cidade.

O gráfico 3.8 é essencial para esse estudo por apresentar os resultados necessários para constataremos se a população de Cajazeiras percebe o processo de verticalização na cidade.

Gráfico - 3.8: Percepção do Processo de Verticalização de Cajazeiras



Fonte: Pesquisa direta do autor, 2009.

Parte significativa dos sujeitos de ambiente vertical percebe um processo de verticalização em Cajazeiras, totalizando 85%. Todos os sujeitos de ambiente horizontal percebem esse processo. Os dados apontam para o seguinte resultado: alguns informantes naturais de cidades de grande porte, citados no gráfico 3.5, como João Pessoa, Recife e Natal não percebem um processo de verticalização em Cajazeiras, visto que em relação às suas cidades de origem essa verticalização é inexpressiva.

Em geral, verificamos que a população percebe o processo de verticalização da cidade e associa esse processo com a ampliação da oferta de novos cursos superiores, mantidos pelas faculdades particulares e públicas e com a especulação imobiliária em alguns bairros da cidade.

CONSIDERAÇÕES FINAIS

Conforme vimos ao longo deste estudo, a produção do espaço urbano de Cajazeiras no tocante à verticalização das edificações, está associada principalmente à prestação de serviço no setor educacional de ensino superior e à especulação imobiliária dos bairros mais nobres da cidade.

As Instituições de Ensino Superior, públicas e privadas são fundamentais para o atual contexto da expansão e da dinamização da cidade. Cajazeiras está crescendo para todos os lados, o comércio e a prestação de serviço estão mais aquecidos e diversificados para atender uma clientela maior e mais exigente.

Verificamos que a cidade não está preparada para a verticalização. Há a necessidade de revisão da legislação para melhorar a infra-estrutura da cidade e assim abrigar novas dinâmicas. A CAGEPA mesmo realizando investimentos no setor de abastecimento, esgotamento e saneamento, o abastecimento d'água na cidade principalmente nos bairros de maior altitude, ainda é precário. A coleta de esgoto é ainda mais crítica, poucas áreas são beneficiadas. A verticalização agrava esses problemas, já que as tubulações não estão dimensionadas para construções multi-familiares. A legislação é outro ponto importante, pois não atende à realidade como também há carência na fiscalização das construções.

Há um predomínio de edificações limitadas a três pavimentos mais o térreo ou gabarito de dez metros e não há arranha-céus como é observado nas cidades metropolitanas. Porém há um edifício em construção que consta de onze andares mais o térreo e é considerado o maior símbolo do início da verticalização em Cajazeiras.

As novas dinâmicas sócio-espaciais serão responsáveis pela aceleração da verticalização nas próximas décadas, mesmo considerando que poderá haver a estabilização da oferta e da demanda por imóveis em Cajazeiras, considerando a matriz ensino.

A metodologia adotada nesse estudo proporcionou a interpretação das diferentes leituras desse processo, a partir das informações fornecidas por diversos sujeitos que vivem e produzem a paisagem urbana da cidade, e posição da pesquisadora em relação ao objeto de estudo.

REFERÊNCIAS

BARRIOS, Sonia. **A produção do Espaço**. In.: SOUSA, Maria Adélia A. de & SANTOS, Milton. **A Construção do Espaço** - São Paulo: Nobel, 1986.

BANCO DO NORDESTE. **CAJAZEIRAS**. Fortaleza, 1978.

BARBOSA, Adauto Gomes. **Produção do Espaço e Transformações Urbanas no Litoral Sul De João Pessoa – PB**. 2005. 204 f. Dissertação (Mestrado em Geografia) – Programa de Pós-graduação e Pesquisa, Universidade Federal do Rio Grande do Norte

BATISTA, Asdrúbal F. **Manual de Normatização e Apresentação de Trabalhos Acadêmicos**. Campinas, 2009

BIBLIOTECA DA UNISINOS. **Guia para Elaboração de Trabalhos Acadêmicos (Artigo de Periódico, Dissertação, Projeto, Trabalho de Conclusão de Curso E Tese)**. São Leopoldo, 2009.

CALLAI, H. C. **O lugar na Geografia e as monografias municipais**. In: SHÄFFER, N.O. et al. **Ensinar e Aprender a Geografia**. Porto Alegre: AGB, 1998. p. 65-67. apud ROCHA, Lurdes Bertol. Fenomenologia, Semiótica e Geografia da Percepção: Alternativas para Analisar o Espaço Geográfico. In Revista da casa da Geografia de Sobral, Sobral, 4/5, p.67-79, 2002/2003 Disponível em http://www.uvanet.br/rcg/artigos/fenomenologia_semiotica.pdf Acesso em 20 abril 2009.

CARLOS, A F. A . **A Cidade**. São Paulo, editora Contexto, 1992.

CARLOS, A.A F. A. . **Os Caminhos da Reflexão sobre a Cidade e o Urbano**. Editora da Universidade de São Paulo. São Paulo, 1994.

CAVALCANTI, Lana de Souza (org). **Geografia da Cidade. A produção do Espaço urbano de Goiana. Goiana**, editora Alternativa, 2001. CAVALCANTI, Lana de Souza (org). Geografia da Cidade – Elementos da Produção do Espaço Urbano.

CORREA, R. L. ESPAÇO, **Um Conceito-Chave Da Geografia**. CASTRO, Iná Elias de. (org), et al. Geografia Conceitos e Temas. 10ª ed. Rio de Janeiro: Bertrand Brasil, 2007.

CORRÊA, R. L. **Trajetórias Geográficas**. 3ª edição. Rio de Janeiro. Bertrand Brasil, 2005.

COSTA, Antônio Assis. **A(s) Cajazeiras que eu Vi e onde Vivi Memórias**. João Pessoa, 1986.

FERRARA, Lucrecia d' Aléssio. **Ver a Cidade**. São Paulo: Nobel, 1988.

GEORGE, Pierre. **Geografia Urbana**. São Paulo, Difel, 1983.

GIRÃO, Raimundo. **Geografia Estética de Fortaleza**. Fortaleza: Imprensa Universitária do Ceará, 1959.

GOMES, Daniel Mescoito. Et al. XI-108 - **Utilização do Epanet 2.0 para Avaliação do Impacto da Verticalização no Funcionamento de Sistemas de Abastecimento de Água**. 24º Congresso Brasileiro de Engenharia Sanitária e Ambiental. Disponível em <http://www.saneamento.poli.ufrj.br/documentos/24CBES/XI-108.pdf>. Acesso em out. 2009.

GOMES, E. R. **O Processo de Verticalização do bairro Praia Do Canto em Vitória – Es: Um Estudo de Caso**. Disponível em <http://www.ichs.ufop.br/conifes/anais/PES/pes0304.htm>. Acesso em 20 abril 2009.

JOFFILY, Irinêo. **Notas sobre a Paraíba**, 2ª ed. Brasília, 1976. apud LAVIERI, Maria B. R. S. et al. **A questão Urbana na Paraíba**. João Pessoa. UFPB, 1999, p. 17-38.

LAVIERI, Maria B. R. S. et al. **A questão Urbana na Paraíba. João Pessoa.** UFPB, 1999, p. 17-38.

LEITÃO, Deusdet. **Ruas de Cajazeiras.** João Pessoa, 2005.

LEFEBVRE, Henri. **O direito à cidade.** São Paulo. Tradução: Rubens Eduardo Farias. Moraes, 1991. apud BARBOSA, Adauto Gomes. **Produção do Espaço e Transformações Urbanas no Litoral Sul De João Pessoa – PB.** 2005. 204 f. Dissertação (Mestrado em Geografia) – Programa de Pós-graduação e Pesquisa, Universidade Federal do Rio Grande do Norte.

LINHARES, Paulo. **A cidade de Água e Sal: Por uma antropologia do Litoral Nordeste sem cana e sem açúcar.** Fortaleza: Fundação Demócrito Rocha, 1992.

LYNCH, K. Imagem da cidade. São Paulo, Martins Fontes, 2006 apud SANTOS, L. M. R. **El Semiotização De La Arquitetura Urbana De Ponta Grossa: Una Ciudad Del Centro De Medios-Region Sur Del Estado Del Paraná-Brasil.**

http://egal2009.easyplanners.info/area05/5490_SANTOS_Ligia_Maria_Rodrigues_dos.pdf
Acesso em nov. 2009.

LÖWEN SAHR, C. L. **Dimensões de Análise da Verticalização: Exemplos da Cidade Média de Ponta Grossa/Pr:** Revista História Regional, Vol. 5, nº 01 Paraná/Pr, 2000. Disponível em <http://www.revistas.uepg.br/index.php?journal=rhr&page=article&op=viewArticle&path%5B%5D=147> . Acesso em 20 abril 2009.

LUBACHEVSKI, J., LÖWEN SAHR, Cicilian Luiza. **A Semiótica Na Análise Dos Marcos Referenciais, do Planejamento Urbano E Da Cultura Ucraniana: O Caso de Prudentópolis – Pr.** Publ. UEPG Humanit. Sci., Appl. Soc. Sci., Linguist., Lett. Arts, Ponta Grossa, **13** (1) 25-34, jun. 2005. Disponível em <http://www.revistas2.uepg.br/index.php/humanas/article/view/532/534> . Acesso 15 nov. 2009.

MACEDO, S. S. **São Paulo, paisagem e habitação verticalizada – os espaços livres como elementos do desenho urbano.** Tese de Doutorado em Arquitetura e Urbanismo, FAUUSP, 1987. apud GOMES, E. R. **O Processo de Verticalização do bairro Praia do Canto em Vitória – Es: Um Estudo de Caso.** <http://www.ichs.ufop.br/conifes/anais/PES/pes0304.htm>. Acesso 15 out. 2009.

MENDES, César Miranda. **Um pouco da cultura do concreto: algumas experiências sobre a verticalização urbana.** Disponível em <http://www.dge.uem.br/geonotas/vol1-1/geourb2.htm> Acesso em 20 abril 2009.

NETO, Martinho G. dos Santos **Estado Interventor na Paraíba (1930-1932): Política, Centralização e Dimensão Mítico-Estatal.** SAECULUM Revista de História, 17, jul/dez 2007, João Pessoa. Disponível em <http://www.cchla.ufpb.br/saeculum/saeculum17_dos03_santosneto.pdf> . Acesso em: 16 out. 2009.

NÖTH, W. **A semiótica do século XX.** São Paulo: Annablume, 1996. apud LUBACHEVSKI, J., LÖWEN SAHR, Cicilian Luiza. **A Semiótica Na Análise Dos Marcos Referenciais, do Planejamento Urbano e da Cultura Ucraniana: O Caso de Prudentópolis – Pr.** Publ. UEPG Humanit. Sci., Appl. Soc. Sci., Linguist., Lett. Arts, Ponta Grossa, 13 (1) 25-34, jun. 2005. Acesso em 20 abril 2009.

PREFEITURA CAJAZEIRAS. **Plano Diretor.** 1979.

PREFEITURA CAJAZEIRAS. **Legislação Urbanista do Município de Cajazeiras,** 1979.

RAMIRES, J. C. L. **A verticalização de São Paulo e o cinema: uma nova dimensão no estudo das cidades.** Uberlândia: Sociedade & Natureza, 9 (17): 5-22. 1997. apud GOMES, E. R. **O Processo de Verticalização do Bairro Praia do Canto em Vitória – Es: Um Estudo de Caso.** <http://www.ichs.ufop.br/conifes/anais/PES/pes0304.htm>. Acesso em 20 abril 2009.

RAMIRES, J. C. L. **O processo de verticalização das Cidades Brasileiras.** Maringá: Boletim de Geografia, UEM, ano 16, nº 1, 1998. apud GOMES, E. R. **O Processo de Verticalização do Bairro Praia do Canto em Vitória – Es: Um Estudo de Caso.** <http://www.ichs.ufop.br/conifes/anais/PES/pes0304.htm>. Acesso em 20 abril 2009.

ROCHA, Lurdes Bertol. **Fenomenologia, Semiótica e Geografia da Percepção: Alternativas para Analisar o Espaço Geográfico.** In Revista da casa da Geografia de Sobral, Sobral, 4/5, p.67-79, 2002/2003 Disponível em http://www.uvanet.br/rcg/artigos/fenomenologia_semiotica.pdf Acesso em 20 abril 2009.

SANTAELLA, Lúcia. **O que é Semiótica**. 1. ed. São Paulo: Brasiliense, 1983.

SILVA, W. O. GOMES, E. T. A. **Verticalização em Cidades Médias: O Caso de Caruaru-
Pe,** Disponível em
http://www.sbpcnet.org.br/livro/57ra/programas/SENIOR/RESUMOS/resumo_2061.html
Acesso em 20 abril 2009.

SANTOS, Milton. **Por uma Geografia nova: da crítica da Geografia a uma Geografia Crítica**. 3ª ed. São Paulo: Editora Hucitec, 1990.

SANTOS, Milton. **A natureza do Espaço: Técnica e Tempo. Razão e Emoção**. 3ª edição, São Paulo, Hucitec, 1999.

SECRETARIA DE EDUCAÇÃO. Governo do Estado da Paraíba. **Atlas Geográfico do Estado da Paraíba**. João Pessoa. 1985.

SILVA, J. B. da (org), et al. **A cidade e o urbano: tema para debates**. Fortaleza: EUFC, 1997.

SOMEKH, N. **A (des)verticalização em São Paulo**. São Paulo: Dissertação de Mestrado em Arquitetura e Urbanismo, FAUUSP, 1987. GOMES, E. R. **O Processo de Verticalização do bairro Praia do Canto em Vitória – Es: Um Estudo de Caso**. <http://www.ichs.ufop.br/conifes/anais/PES/pes0304.htm>. Acesso em 25 out. 2009.

SOBRINHO, Fernando L. A.; SOARES, B. R.. **Produção do espaço e evolução urbana da área central de Uberlândia, Minas Geral**. Revista Múltipla. Brasília, 4(6): 55 – 77, julho de 1999.

SOUZA, A. J. de. **Cajazeiras: Nas Crônicas de um Mestre-Escola**. João Pessoa, editora Universitária, 1981.

SOUSA, M. J. L. de. **Urbanização e Desenvolvimento no Brasil Atual**. Editora Ática, São Paulo, 1996.

SOUSA, Isaque dos Santos. **A produção e o uso da terra em Manaus: a sobrevalorização do espaço**. In: Revista de Antropologia ISSN 1806-0528, junho. 2008. vol. 5 n° 7 Ano 5. Disponível em:< <http://www.aguaaforte.com/osurbanitas7/Isaque.html>.> Acesso em : out. 2009.

SOUZA, M. A. A. **A Identidade da Metrópole: a Verticalização de São Paulo**. São Paulo: Edusp, 1994. apud GOMES, E. R. **O Processo de Verticalização do bairro Praia do Canto em Vitória – Es: Um Estudo De Caso**. <http://www.ichs.ufop.br/conifes/anais/PES/pes0304.htm>. Acesso em 25 out. 2009.

SOUSA, Maria Adélia Aparecida. **Cidade: Lugar e Geografia da Existência**. Disponível em: < http://www.belem.pa.gov.br/planodiretor/pdfs/GEOGRAFIA_DA_EXISTENCIA_TEXTO_MARIA_ADELIA.pdf> Acesso em nov.. 2009.

TUAN, Yi – FU. Topofilia: **Um Estudo da Percepção, Atividade e Valores do Meio Ambiente**. São Paulo, Difel, 1979. apud CORREA, R. L. **ESPAÇO, UM CONCEITO-CHAVE DA GEOGRAFIA**. CASTRO, Iná Elias de. (org), et al. Geografia Conceitos e Temas. 10ª ed. Rio de Janeiro: Bertrand Brasil, 2007.

APÊNDICE A

Agentes Imobiliários

1ª Você é cajazeirense?

2ª Caso afirmativo, sempre morou aqui?

3ª Qual a sua idade?

4ª Qual seu nível de escolaridade?

5ª Qual o bairro que você mora?

6ª Faz quanto tempo que você trabalha no setor imobiliário?

7ª O que lhe motivou a trabalhar no setor imobiliário?

8ª Além do setor imobiliário você em outro ramo?

9ª Dado o tempo que você trabalha no ramo tem observado se houve mudança no perfil econômico dos locatários?

10ª Na sua opinião o que pode ter influenciado nessa mudança?

11ª A demanda é maior por imóveis horizontais ou verticais?

12ª Você percebe um processo de verticalização na cidade de Cajazeiras?

13ª Caso afirmativo que aspectos tem proporcionado a procura de imóveis verticalizados?

14ª No seu ponto de vista a expansão do ensino superior de Cajazeiras contribuiu para a verticalização da cidade?

15ª Você tem observado se ocorre uma migração de moradores de edificação horizontal para vertical ou os locatários são de outra cidade que vieram morar aqui?

16ª A procura por imóveis é maior para locação ou compra?

17ª Os investimentos no setor imobiliário em Cajazeiras no atual contexto acham-se aquecido?

18ª Você tem verificado se os construtores repassam os edifícios para serem administrados pelas imobiliárias?

APÊNDICE B

Representante do Poder Público: Secretário de Planejamento de Cajazeiras

1ª O senhor é cajazeirense?

2ª Caso afirmativo, sempre morou aqui?

3ª Qual a sua idade?

4ª Qual seu nível de escolaridade?

5ª Qual o bairro que o senhor mora?

6ª Você percebe um processo de verticalização na cidade de Cajazeiras?

7ª Com a verticalização a cidade oferece infraestrutura para a demanda?

8ª Existe algum projeto em execução e/ou em planejamento para adequar-se as mudanças ocorridas no espaço urbano de Cajazeiras?

APÊNDICE C

Representante do Poder Público: Gerente da Caixa Econômica

1ª O senhor é cajazeirense?

2ª Caso afirmativo, sempre morou aqui?

3ª Qual a sua idade?

4ª Qual seu nível de escolaridade?

5ª Qual bairro que o senhor mora?

6ª A demanda na Caixa Econômica é maior por imóveis velhos ou novos?

7ª Há demanda na Caixa Econômica para imóveis para função comercial?

8ª A demanda é maior para imóveis horizontais ou verticais?

9ª O senhor percebe um processo de verticalização em Cajazeiras?

APÊNDICE D

Moradores de Ambiente Vertical

- 1ª Qual a sua idade?
- 2ª Qual seu nível de escolaridade?
- 3ª Qual sua profissão?
- 4ª Você sempre morou em Cajazeiras?
- 5ª Caso negativo, onde morava antes?
- 6ª Porque resolveu morar em Cajazeiras?
- 7ª Qual era o tipo de residência que você morava anteriormente?
- 8ª O que te motivou a optar por uma residência vertical?
- 9ª Você percebe um processo de verticalização em Cajazeiras?

APÊNDICE E

Moradores de Ambiente Horizontal

1ª Qual a sua idade?

2ª Qual seu nível de escolaridade?

3ª Qual sua profissão?

4ª Você sempre morou em Cajazeiras?

5ª Caso negativo, onde morava antes?

6ª Porque resolveu morar em Cajazeiras?

7ª Qual bairro você mora?

8ª Na sua opinião a cidade está melhor ou pior nos últimos anos?

9ª Na sua opinião o que melhorou ou piorou?

10ª Na sua opinião é melhor morar em casa ou apartamento?

11ª Já morou em apartamento?

12ª Você observou se em Cajazeiras há prédios com mais de 4 (quatro) andares incluindo o térreo?

APÊNDICE F

Comerciantes que Verticalizaram os Imóveis

1ª Qual a sua idade?

2ª Qual seu nível de escolaridade?

3ª Você sempre morou em Cajazeiras?

4ª Caso negativo, onde morava antes?

5ª Porque resolveu morar em Cajazeiras?

6ª Qual bairro você mora?

7ª Por que resolveu verticalizar seu estabelecimento comercial?

8ª A reforma do estabelecimento foi financiada?

9ª Você pretende ampliar o imóvel?

10ª Os clientes aprovaram a reforma?

11ª Você percebe um processo de verticalização em Cajazeiras?

11ª Você percebe um processo de verticalização em Cajazeiras?

APÊNDICE G

Construtor

1ª Qual a sua idade?

2ª Qual seu nível de escolaridade?

3ª Qual sua profissão?

4ª Você sempre morou em Cajazeiras?

5ª Caso negativo, onde morava antes?

6ª Porque resolveu morar em Cajazeiras?

7ª Qual bairro você mora?

8ª Por que você resolveu ingressar no setor da construção civil?

9ª O que te motivou a construir edificações verticais?

10ª Você constrói mais edificações horizontais ou verticais?

11ª Você constrói mais edificações para locação ou venda?

12ª Você administra os imóveis ou repassa para uma imobiliária?

APÊNDICE H

Arquiteto

1. Há quanto tempo que você trabalha como arquiteto?
2. O que te motivou a trabalhar nesse setor?
3. Você trabalha em outro ramo além da arquitetura?
4. Dado o tempo que você trabalha no ramo tem observado se houve mudança no perfil dos seus clientes?
5. Na sua opinião o que pode ter influenciado nessa mudança?
6. A demanda é maior por imóveis horizontais ou verticais?
7. Você percebe um processo de verticalização na cidade de Cajazeiras?
8. Caso afirmativo que aspectos tem proporcionado a procura de imóveis verticalizados?
9. No seu ponto de vista a expansão do ensino superior de Cajazeiras contribuiu para a verticalização da cidade?
10. Você tem observado se ocorre uma migração de moradores de edificação horizontal para vertical ou seus clientes são de outra cidade que vieram morar aqui?
11. A demanda é maior projetos para locação ou venda?
12. Os investimentos no setor da construção civil em Cajazeiras no atual contexto acham-se aquecido?
13. Você tem verificado se os construtores procuram profissionais para projetarem seus imóveis?
14. Na sua opinião a cidade apresenta infra-estrutura para verticalizar seus imóveis?
15. A prefeitura com seu setor competente acompanha as mudanças espaciais no tocante a verticalização na cidade?
16. Qual sua leitura sobre os padrões de cores e formas das construções verticalizadas nesse início de século?